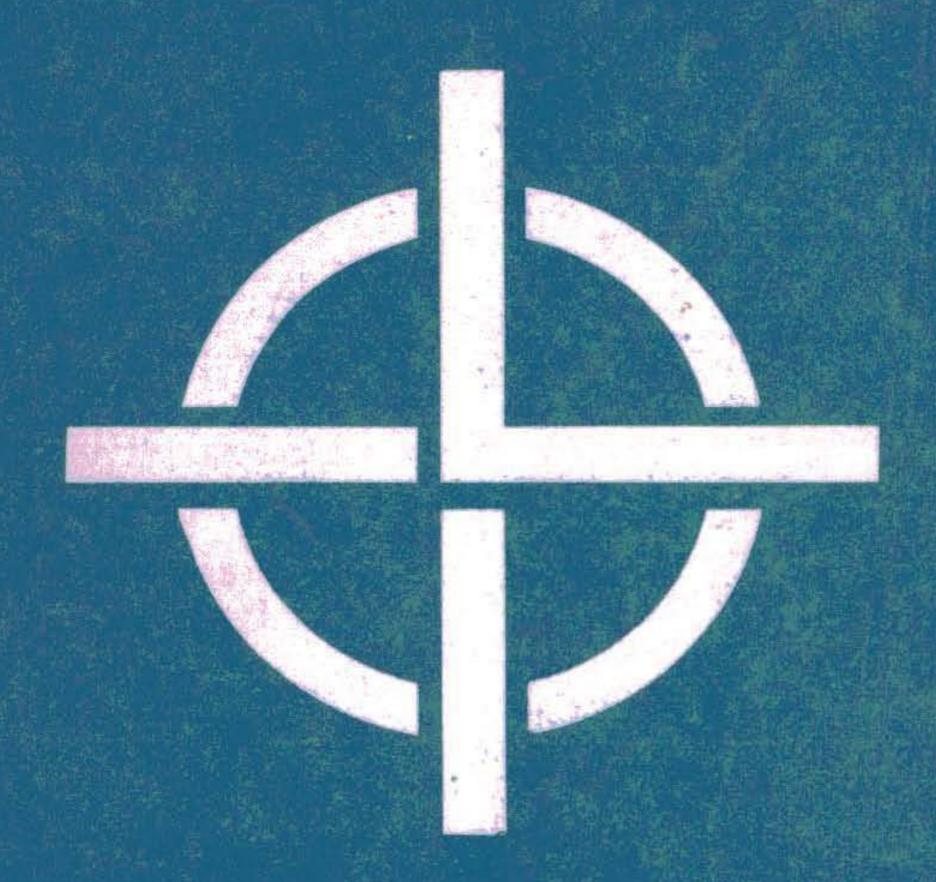
# convergencia

DEZ - 1973 - ANO VI - Nº 64



- 1. A ESPERANÇA, A GRANDE MENSAGEM DA BÍBLIA, Pe. João Batista Libánio, SJ – página 593
- 2. ELEMENTOS EVANGÉLICOS E TEOLÓGICOS

  DA VOCAÇÃO, Frei Fernando Figueredo, OFM página 603
- 3. ENCONTRO DE FORMADORES, página 609
- 4. PARA O RETIRO MENSAL, Frei Alberto Beckhäuser, OFM – pagina 616
- 5. A DIACONISA, Frei Irineu Wilges, OFM página 632

#### Diretor-Responsável:

Frei Constâncio Nogara

#### Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração: Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar (ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-NEIRO — GB

#### Assinaturas para 1973:

Brasil: v	ia	te	el	r	е	s	tr	e	1	٠			Cr\$	40,00
	via	a	a	é	re	36	ı					•	Cr\$	45,00
Exterior:	}					٠	÷	•					US\$	12,00
														4,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173 Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



# SUMÁRIO

EDITORIAL	585
INFORME DA CRB	587
A ESPERANÇA, A GRANDE MENSAGEM DA BIBLIA, Pe. João Batista Libânio, SJ	593
ELEMENTOS EVANGÉLICOS E TEOLÓGICOS DA VOCA- ÇÃO, Frei Fernando Figue- redo, OFM	603
ENCONTRO DE FORMADO- RES	609
PARA O RETIRO MENSAL, Frei Alberto Beckhauser, OFM	616
A DIACONISA, Frei Irineu Wilges, OFM	622
CRB — REGIONAL DE GOIÂ- NIA	632
A presença insubstituível dos religiosos na Igreja.	636
LIVROS	641



Frei Constâncio

A criança vai à escola porque espera pelo dia de amanhã, quando será adulta. O jovem escolhe uma profissão porque espera com isto construir sua vida. Os pais se submetem a duras privações porque esperam melhorar a situação da família. Os avós vivem o amanhã na vida de seus netos.

Os povos pobres se movimentam e trabalham intensamente para chegarem a um estágio melhor de vida. As florestas da Amazônia são cortadas por estradas porque queremos caminhar uns ao encontro dos outros. Assim é a vida. O que virá nos dá força para enfrentar o presente e o presente nos atira para dentro do futuro.

Quando falamos em decadência de uma civilização, de um povo, de uma cultura; quando dizemos que uma casa está abandonada, quando encontramos uma pessoa desanimada, estamos em face de uma realidade que se encapsulou em si mesma, que tenta abrir uma saída para o passado, dando as costas para o futuro. Os israelitas, a começar por Abraão, em suas peripécias pelo Egito e pelo deserto, venceram a destruição e a morte pela esperança Naquele que viria. Gerações inteiras morreram, mas a esperança sobreviveu e ressuscitou a todos os que esperam nela, na Pessoa do Senhor Jesus.

O tempo do advento nos coloca intensamente em comunhão
com o Esperado. O clima de
expectativa toma corpo em nossa existência. Há prenúncios de
dias felizes, de paz, de alegria,
de comunhão e de amor. Cada
pessoa que vive neste clima, se
sente de alguma forma no lugar
do Senhor junto aos seus irmãos. Somos nós, os religiosos,
os instrumentos privilegiados da
Esperança cristã, junto aos milhares de irmãos nossos que vivem sem rumo, sem amanhã.

A vida religiosa longe de ser uma casa abandonada, é uma casa sempre nova. Sempre em construção, porque nunca podemos parar.

Pe. J. B. Libânio nos apresenta uma reflexão muito feliz sobre a grande mensagem da Esperança que nos traz a Bíblia, com repercussões e aplicações imediatas para a vida religiosa.

Frei Fernando Figueredo aborda alguns aspectos evangélicos e teológicos da vocação, que representa todo o amanhã, o aspecto dinâmico da vida religiosa. O assunto é de muita atualidade para todas as congregações. Neste sentido publicamos as conclusões do Encontro de Formadores realizado em Petrópolis (RJ), no mês de setembro de 1973. São pistas de reflexão de pessoas diretamente envolvidas na formação de jovens para a vida religiosa.

Frei Irineu Wilges nos traz a segunda parte do seu estudo

sobre as Diaconisas. Uma contribuição muito interessante para compreender melhor a vocação da mulher na Igreja.

Frei Alberto Beckhauser oferece às comunidades a reflexão mensal sobre Natal e Epifania, a concretização feliz da única Esperança da humanidade.

Deixamos em suas mãos este último fascículo de Convergên-cia 73, agradecendo-lhe o apoio que recebemos neste ano e esperando nos encontrar no próximo, quando procuraremos melhorar ainda mais nossa Revista.

A todos um Feliz Natal e abençoado Ano Novo.

Frei Constâncio Nogara

# INFORME

#### CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

#### ASSEMBLÉIA DA CRB MANAUS, AM

Nos dias 25, 26 e 27 de outubro reuniram-se os Superiores Maiores da Regional de Manaus (Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima) mais os representantes dos núcleos das Prelazias e representantes de comunidades para a Assembléia Anual da CRB. Pelo Nacional esteve presente a Irmã Nilza Junqueira Reis.

#### **PROGRAMA**

Dia 25: Houve exposição do tema CARISMA E INSTITUIÇÃO pelo Pe. Adriano van den Berg. À tarde, estudo em grupos à procura de aprofundamento a partir destas interrogações, apresentadas como muito úteis para o tema: Primeira: Que consequência pode ter para a Igreja, a redescoberta da estrutura carismática? Segunda: Que consequência pode esta redescoberta ter para o lugar dos religiosos na Igreja? Terceira: Que tipo de carismas podemos esperar para os religiosos aqui, na Amazônia de hoje? Quarta: Como podemos descobrir, cada um, o seu carisma especial? Logo após as conclusões dos grupos, plenário sob a coordenação do Pe. Egberto van Lier.

Dia 26: O tema apresentado pelo Pe. Antônio Carlos Souza foi: INSERÇÃO NA VIDA RELIGIOSA E NA IGREJA LOCAL. Para um estudo e um debate mais produtivo, foi sugerido um roteiro incluindo estas três perguntas: Primeira: Qual o relacionamento entre vida religiosa e Igreja local? Segunda: Quais

os princípios que devem orientar a inserção na vida religiosa e na Igreja
local? Terceira: Quais as atitudes práticas a serem tomadas a partir desses
princípios? A coordenação dos resultados dos grupos, em plenário, ficou
a cargo do Pe. Luís Kirchner. Toda a
tarde do dia 26, foi ocupada pela apresentação do Relatório da Regional, pelo noticiário dos núcleos, pela prestação de contas.

Dia 27: Em dinâmica e esquema especiais foi apresentado, e debatido o tema: COMO DISCERNIR OS RELIGIOSOS NA PASTORAL, sob a coordenação conjunta da Irmã Lydia Vicentim e do Pe. Egberto van Lier.

#### MOÇÕES

Primeira: A CRB com suas estruturas e possibilidades, deve servir de engrenagem para o relacionamento entre vida religiosa e Igreja local, regional, ajudando a Igreja local — Bispos e CNBB — a formular o seu planejamento pastoral e, ao mesmo tempo, engajando os religiosos na realização do mesmo.

Segunda: A CRB deve fazer tudo (pensar, estudar, discutir, pregar, insistir etc.) para conseguir que as congregações façam os seus planejamentos em função da realidade pastoral local e regional.

Terceira: A CRB procure, por todos os meios, levar às bases (às comunidades religiosas e a cada religioso) este trabalho de mentalização, desenvolvendo uma verdadeira criatividade na procura destes meios.

A liturgia para a oração da manhã, para a Eucaristia e para a oração da tarde foi toda composta dentro do espírito do tema diário, o que deu homogeneidade vivencial.

#### ASSEMBLÉIA DA CRB FLORIANÓPOLIS, SC

Nos dias 17, 18 e 19 de outubro reuniram-se em Assembléia Anual da CRB, Regional Sul IV, no Centro Diocesano de Formação Católica de Lages, Santa Catarina, 42 participantes entre Superiores Maiores masculinos e femininos, seus representantes e os coordenadores e coordenadoras diocesanos.

- A Regional Sul IV, de Florianópolis, abrange só o Estado de Santa Catarina, com sete dioceses: Caçador, Chapecó, Florianópolis, Joinville, Lajes, Rio do Sul, Tubarão. Em todas as dioceses há um coordenador ou uma coordenadora diocesana da CRB. Cada diocese está dividida em comarcas de religiosos. Cada comarca tem o seu coordenador ou coordenadora. As comarcas se reúnem quatro vezes por ano. No momento são 52 comarcas.
- Os religiosos da Regional são 2.984, sendo: 390 padres; 13 clérigos; 170 irmãos; 2.411 irmãs. Em Santa Catarina há 50 congregações femininas, com 298 casas. Há 34 congregações masculinas com 148 casas. Há duas casas generalícias, uma coordenação geral, 13 provincialados, um mosteiro de clarissas.
- Para a formação e atualização teológica dos religiosos, funcionam dois cursos permanentes de iniciativa da CRB Sul IV: o SINTER — Síntese Teológica para Religiosos, e o ITESC —

Instituto Teológico de Santa Catarina, de nível universitário.

- Primeiro tema da Assembléia: MEIO RURAL E MEIO URBANO: PRIO-RIDADES DA PASTORAL. Os grupos estudaram com atenção, apontando as vantagens e as dificuldades de ambos os meios e concluíram: a) Por uma maior atuação religiosa no meio rural catarinense, cuja população é maior do que a urbana. b) O essencial é ser religioso e o importante é como se está no meio urbano e rural. c) O religioso precisa ser preparado adequadamente para as metas prioritárias de sua província em consonância com o Plano de Pastoral de Conjunto.
- Segundo tema: RENOVAÇÃO E RECRIAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA. Partindo do enunciado "o importante é o como da vida religiosa", os grupos de estudo chegaram a um longo elenco de considerações e conotações com o objetivo de caracterizar fisionomicamente o religioso.

- Terceiro tema: EDUCAÇÃO E ES-COLAS CATÓLICAS. Toda a apresentação, discussão, debate, estudos em grupos giraram em torno destas perguntas: Primeira: Como objetivar a educação cristã em nosso Estado, dentro das perspectivas dos valores da realidade sócio-econômica e da realidade educacional? Segunda: Que sugestões concretas o grupo daria para um trabalho integrado da Escola com a Igreja?
- CNBB & CRB. A manhã do dia 18 foi dedicada à discussão do Relatório sobre as assembléias diocesanas conjuntas da CNBB e da CRB em 1973. Os participantes constataram com lealdade a realidade, explicitaram sugestões que consideraram importantes e concluíram: As assembléias diocesanas em 1974 serão realizadas com a presença dos provinciais, de 16 a 30 de agosto. Nesta manhã estavam presentes 71 membros, contando ainda com a presença de Dom Ivo Lorscheiter, secretário executivo da CNBB.
- Na Assembléia da CRB Sul IV, por parte do Nacional esteve presente a Irmã Nilza Junqueira Reis que expôs o tema DISCERNIMENTO, baseada no documento da CLAR: Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina.
- Como resultado da conscientização da corresponsabilidade das igrejas locais, Pe. Oscar Müller falou sobre o Projeto Igrejas-Irmãs, esclarecendo que o Regional Sul IV havia optado pela Igreja irmã da Bahia.
- A Regional Sul IV promoverá uma semana vocacional, de 19 a 26 de maio, conforme aprovação da Assembléia, após a exposição do Relatório

das atividades desenvolvidas neste setor de Pastoral Vocacional, pela Irmã Célia Cadorim.

 CONCLUSÕES votadas pela Assembléia Regional da CRB, Sul IV. Primeira: Realização de Assembléias diocesanas, em 1974, com a presença dos provinciais, nas datas de 16 a 30 de agosto, de acordo com o cronograma apresentado, ficando a modalidade de cada Assembléia a cargo das dioceses. Segunda: Realização de um encontro das três Diretorias do Regional Sul IV: CNBB, CRB, AEC, no dia 23 de outubro de 1973. Terceira: Representação recíproca nas reuniões promovidas pela AEC, CRB e CNBB. Quarta: Indicação da Irmã Teresinha Gascho para exercer a função de secretária executiva da AEC-SC em trabalho conjunto da CRB e CNBB. Quinta: Levando em consideração a necessidade de manutenção da CRB Regional Sul IV, em 1974, aprova-se: a) Conscientização por parte das Províncias entre seus religiosos e da Regional junto às Províncias. b) Uma taxa anual de Cr\$ 15,00 por religioso, cobrada através das comunidades nas modalidades que a Diretoria Regional resolver.

#### PEDE RELIGIOSAS

2. PE. MANUEL FARIA, SJ, Vigário da Paróquia de São Sebastião, Montes Claros, Minas Gerais, precisa de três religiosas para o Centro Comunitário. Seria de desejar que uma ou duas fossem também professoras. A paróquia garante: casa, assistência espiritual etc. Informações detalhadas: Pe. Manuel Faria Fort, SJ — Rua Francisco David, 77 — Caixa Postal, 90 — 34.000 Montes Claros — MG.

#### ASSEMBLÉIA REGIONAL DA CRB, PORTO ALEGRE

A Assembléia Regional da CRB no Rio Grande do Sul realizou-se nos dias 20, 21, 22 de outubro no prédio da PUC de Porto Alegre. Presentes membros da Diretoria Regional, Executivo Regional, os Superiores Maiores residentes e alguns sediados fora do Rio Grande do Sul, os delegados dos núcleos diocesanos da regional, e, por parte do Nacional, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional, Frei Fábio Panini, assessor jurídico e as Irmãs Nilza Junqueira Reis e Helena Maria Ferreira. Ao todo 70 participantes.

A pauta indicava alguns temas de reflexão: Oração em Comunidade, tratado em painel. Os religiosos e a Igreja local, exposto pelo Pe. Achyle Rubin. O que significa fazer retiro, exposição do Pe. Oscar Mueller. Direitos Humanos e os religiosos, Frei Dionísio Colombo, secretário executivo regional. Finalmente os relatórios da Diretoria, dos setores de promoção e animação da vida religiosa, de vocações, dos coordenadores de religiosos, sob o título: "O que estamos fazendo pelos religiosos no Rio Grande do Sul".

Discutida a pauta foram acrescentados alguns itens julgados necessários pelo sentir da Assembléia: relacionamento CRB-CNBB, informações e esclarecimentos entre o relacionamento CRB-Nacional e regional, decisão sobre a venda da sede regional.

Dado o número de sedes religiosas da regional, foi julgado conveniente um encontro do Pe. Marcello de Carvalho Azevedo e do Frei Fábio Panini com os ecônomos das referidas sedes para que, esclarecidos, assumissem junta-

mente com seus Superiores os compromissos que numa linha de corresponsabilidade levarão os religiosos de todo o País a provarem o que significa para eles a CRB.

#### **APRECIAÇÃO**

Em termos gerais foram dias de tomada de consciência de uma série de problemas que se vive numa regional riquíssima de pessoal religioso, que atua muito eficazmente na Pastoral e que necessita definir sua posição e o sentido de seu viver na Igreja local e assumir sua responsabilidade em âmbito nacional. Há no regional de Porto Alegre um sentido missionário intenso e a consciência de poder canalizar parte do potencial humano-religioso de que dispõe para atender a áreas prioritárias de pastoral em outras regiões do país, revigorando e renovando assim a própria vida religiosa.

Os religiosos de Porto Alegre estando bem interessados em ouvir falar das atividades da CRB em âmbito nacional, foi ocasião para isso a palestra que o Pe. Marcello pôde fazer-lhes, dando uma ampla visão das promoções em bem os religiosos em todo o território nacional e do relacionamento com organismos internacionais de interesse para a CRB. Um auditório muito pontual encheu um dos salões do Colégio do Rosário dos Irmãos Maristas e seguiu atentamente a exposição. Ao final ainda pediram prolongação para explicação da situação econômica da CRB dando-lhes todos os esclarecimentos necessários para que cada Superior Maior dê à CRB a contribuição e o apoio de que ela necessita.

# SACRA CONGREGATIO PRO RELIGIOSIS ET INSTITUTIS SAECULARIBUS

Prot. n. AG 194/73

Roma, 7.11.1973

Reverendíssimo Padre:

Recebi os votos e as felicitações da Conferência dos Religiosos do Brasil pela nomeação ao cargo de Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos.

Pelas expressões de adesão e colaboração na importante tarefa que me foi confiada, envio sinceros agradecimentos acompanhados de uma bênção especial para todos os Religiosos e Religiosas do Brasil.

a escullido provocou certa eva-

oan oup socialist a substracts and offe

-Ità comesmossi roq Jol: 09 manignitti

malesing de Annie Jaubert sobre a Si-

Testamento e no Cristianismo Antigo.

Cordiais saudações em Cristo.

b) Our se escociem as mulherald

stem uma compreancia mala am-

Revmo. Pe. Marcello de Carvalho Azevedo
DD. Presidente da CRB Nacional
Rio de Janeiro

O CARDEAL ARTURO TABERA ARAOZ, CMF, é o novo Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos. S'ubstituiu o Cardeal Ildebrando Antoniutti. E' religioso da congregação dos Missionários Filhos do Coração de Maria, Padres Claretianos. Nasceu em Ávila, Espanha em 1903. Professou em 1920. Laureou-se em Roma, em ambos os direitos, em 1928. Lecionou Direito Canônico em Madri, foi redator da publicação Commentarium pro Religiosis. Fundou e dirigiu a revista Vida Religiosa. Especialista em direito para a Igreja Oriental e um perito em assuntos relativos às Ordens Religiosas e aos Institutos Seculares. Em 1946 foi eleito bispo de Lirbe; em 1950, de Albacete; em 1966 cardeal-arcebispo de Pamplona; em 1971, Prefeito para a Congregação do Culto Divino. É membro ainda das Congregações para a disciplina dos sacramentos, para o culto dos santos, é membro do Supremo Tribunal Apostólico e da Pontifícia Comissão para a renovação do Código de Direito Canônico.

# ENCONTROS INTERNACIONAIS NA BÉLGICA

Roma, 7.11.1973

De 20 a 29 de agosto, em Namur, Bélgica, realizou-se a 43.ª Semana de Missiologia de Lovaina, cujo tema foi: Liberdade e Responsabilidade da Mulher em Missão. Teve 102 participantes vindos de todos os recantos da terra. O tema escolhido provocou certa evasão dos sacerdotes e religiosos que não atingiram 20. Foi, por isso mesmo, ótima oportunidade para que as Religiosas e as Leigas assumissem o trabalho nos círculos.

Especialmente esclarecedora foi a palestra de Annie Jaubert sobre a Situação e Promoção da Mulher no Novo Testamento e no Cristianismo Antigo. Confrontou a teologia de São Paulo com suas prescrições legais, marcadas pela concepção judaica sobre a mulher. A Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, representante do Brasil, relatou a experiência das religiosas encarregadas de paróquias no Brasil. O Brasil se salienta pela expansão, organização e profundidade neste campo da Pastoral confiado a mulheres, quase todas religiosas.

Como conclusões principais desta semana de entrosamento, troca de experiências e reflexão podemos destacar:

- 1.a) Que a mulher seja com o homem animadora da comunidade cristã e cooperadora dos ministérios nos diferentes 
  níveis de trabalho, reflexão e decisão 
  nos escalões paroquial, diocesano, universal (dicastérios e sínodos), e portanto, que se procure dar à mulher uma 
  formação biológica adaptada.
- 2.a) Que se tome consciência que a promoção da mulher na Igreja leva à promoção da mulher na sociedade, principalmente nos países africanos.

Para se fazer evoluir as mentalidades na Igreja, o Encontro propõe: a) Que se multiplique o número das mulheres que colaboram na formação dos ministros. b) Que se associem as mulheres aos projetos de ordem pastoral. c) Que se peça à Igreja tomar posições que manifestem uma compreensão mais ampla do papel da mulher na Igreja.

De 14 a 19 de setembro, em Heverlee-Louvain realizou-se um colóquio sobre As Novas Formas de Ministérios nas
Comunidades Cristãs. Foi promovido
pelo Padre Jan Kerkorfs, Diretor da revista Pro Mundi Vita. Eram 118 pessoas
das quais 15 mulheres, vindas do mundo inteiro. Tinham em geral bastante
experiência no campo da formação dos
miinstros.

Houve exposições sobre: 1.º) As grandes linhas das pesquisas teológicas na Igreja Católica e nas Igrejas da Reforma. 2.º) As mulheres no ministério. 3.º) Novas formas de ministério nas diferentes partes do mundo. Um intenso trabalho nos grupos de língua francesa, inglesa e espanhola levou a resultados interessantes, mas de cunho tão específico que uma síntese final que fosse aprovada por todos se averiguou impossível.

A esperança é uma experiência constitutiva da consciência do Povo de Deus. Ele vive voltado para um futuro de felicidade a que todos são chamados [1 Tim 2,4]. A própria variedade de termos para exprimir essa experiência de esperança no vocabulário bíblico denotalhe a complexidade e importância [1]. A esperança é a atitude do homem diante das promessas de Deus. Por elas, Deus revela ao povo o esplendor do futuro. Não é, em última análise, uma realidade que se esgote dentro deste mundo, mas a pátria celeste [Heb 11,16], a vida eterna [1 Jo 2,25], onde será manifestado aquilo que seremos, semelhantes a Deus, pois o veremos tal qual Ele é [1 Jo 3,2]. A esperança purifica, fazendo-nos puros como Jesus [1 Jo 3,3].

A força da esperança vem da fidelidade de Javé em cumprir suas promessas. Ela garante a realidade do futuro [Heb 11,1] e nos faz antecipadamente poder adivinharlhe as maravilhas. Mas a história do homem será o jogo arriscado para ele, de sua infidelidade diante da fidelidade incansável de Deus. Deus fiel que guarda sua aliança e seu amor por mil gerações em relação àqueles que o amam e guar-

A ESPERANÇA, A GRANDE MENSAGEM DA BÍBLIA

PE. J. B. LIBÂNIO, SJ

dam seus mandamentos [Dt 7,7-9]. De fato, os céus rendem graças a Deus por sua maravilha e por sua fidelidade, para sempre, na assembléia dos santos [Sl 89,2-3,6,52b]. O Senhor é um Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e fidelidade, que guarda sua graça para milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, ainda que não deixe nada impune [£x 34,6s].

Nesse diálogo de fidelidade [de Deus] e de infidelidade [do homem], Deus é aquele que faz a liberdade do homem capaz de superar seu pecado, seu egoísmo, dando-lhe a realidade do amor. Pela força da graça de Deus, o homem pode colocar-se numa atitude espiritual, complexa e una, que se exprime através da esperança, fé, confiança e amor em relação a Deus. A dimensão da esperança na Escritura é tão ampla, tão envolvente, como a própria dimensão do existir humano diante de Deus. Esperar é viver. Desesperar é entregar-se à morte.

A teologia-mensagem da Escritura é a esperança. Ela retrata a experiência humana vivida à luz da
presença de Deus. Tal experiência
só pode ser de esperança. Deus é
o Deus da Esperança e o Deus Esperança. Nunca a humanidade deveu
ser entregue ao desespero, pois,
desde o início, mesmo na situação
de pecado, havia para ela um evangelho de salvação, uma mensagem
de esperança [Gên 3,15; 9,1-17].

A teologia do Antigo Testamento representava grande novidade dentro do contexto cultural em que viviam os judeus. Os povos circunvizinhos alimentavam-se de crenças dentro de um horizonte religioso mítico e mágico. A grande ameaça, que pesava sobre eles, era a volta ao país. Deviam defender-se deste perigo e o faziam numa valorização do presente pela imitação e invocação [2]. A intervenção do divino era na linha da proteção do presente contra a volta ao estado inicial de confusão. Estas presenças dos deuses eram cristalizadas em santuários, imagens, a serem cultuados. Tal culto não se orientava a uma realização futura, a uma perspectiva de esperança. Era a sacralização do presente.

Nesta perspectiva, não cabia um Deus de Esperança. As intervenções dos deuses não eram entendidas como dom gratuito e livre, portanto inesperado e que se acolhe na esperança. Antes eram como resultado dos ritos mágicos. O poder, que se dava aos sacerdotes de dispor dos deuses, era o sinal de que se vivia num mundo religioso alheio à esperança. O grande problema era encontrar a razão porque falhou a intervenção divina, depois que os ritos tinham sido rigorosamente cumpridos [3]. Devia haver uma culpa que interferia como força negativa.

A atitude fundamental dos povos pagãos era de buscar um contato com o divino, uma posse dele e não colocar-se numa atitude de escuta, de acolhimento, de esperança.

A perspectiva de Israel era outra. A sua experiência ia possuir uma originalidade marcante. No início está a fé de Abraão. Com ele começa a história da esperança bíblica [4].

Abraão é um nômade e, portanto, vive para o futuro, já que seu presente é caminhar. Quando o presente é caminho, a experiência se volta toda para o futuro, alimentase de esperança. Quando o presente é fixo, o mundo se volta sobre si mesmo. O presente é tudo. Abraão era o homem do caminho. O homem da esperança. Sua experiência de Deus só podia ser de um Deus da Esperança, que promete, que é fiel nas suas promessas, além de toda viabilidade presente. A sua existência é apreendida como história.

#### Fidelidade de Javé: Princípio — Esperança

Abraão era nômade. O aqui e agora significavam pouco para ele. Sua perspectiva de vida se projetava sempre para a frente. Dentro deste campo de vivência, Deus. Deus promete-she terra e posteridade [Gên 22,1ss]. Terra e posteridade são sinais, símbolos. Israel ficará muito tempo preso a eles, identificando-os com a totalidade da realidade. "A terra onde correm o leite e o mel" [£x 38,17] e todas as formas de posteridade [Gên 49; 23,27-33] eram o horizonte de compreensão da esperança da parte de Israel.

Tais dons, tais bens, mui concretos, são o horizonte e não o conteúdo de sua fé. Esta ia mais além que a posteridade, a posse da terra, a abundância dos frutos, a vitória sobre os inimigos. Repousa na fidelidade das promessas de Javé. Esperar, é, portanto, para a experiência de Israel a máxima expressão de sua fé em Javé. Esta fé era colocada em prova, em momentos decisivos, à custa da renúncia dos próprios bens prometidos.

Abraão, o grande modelo do homem de fé e confiança nas promessas de Deus, é colocado diante da terrível prova do sacrifício do próprio filho [Gên 22]. Tal prova, verdadeira tentação, faz-nos perceber que o horizonte, a realidade não se identifica sem mais com o sinal, com o conteúdo encarnado da fé e confiança. O horizonte, a realidade é a fidelidade infinita de Javé. O conteúdo concreto, o sinal são os bens da terra. Mas acontece que neste caso aparece uma tensão enambos. Verdadeira oposição existencial. Para Abraão vence a confiança na fidelidade de Javé.

O livro de Jó pode ser lido também sob a intelecção desta dialética do sinal e da realidade, do conteúdo e do horizonte. A primeira bênção de Deus cumulando a Jó de bens é o conteúdo concreto do horizonte e o sinal de uma fidelidade inquestionável de Javé. Num segundo momento, faltam tais bens de modo trágico. O justo Jó, modelo do israelita piedoso, continua na mesma atitude: "Deus deu, Deus tirou, que o nome de Deus seja bendito" [Jó 1,21]. A carência dos bens se torna também ela sinal de uma fidelidade misteriosa de Deus. É um momento duro para a esperança. O terceiro momento de um cúmulo mais abundante de bens vem revelar o término da dialética da fidelidade de Javé. Ela tende sempre para a plenitude, mesmo que num presente se experimente sua carência.

Os bens da terra apontam para a verdadeira realidade: Javé. Os profetas serão os teólogos de tal realidade. O futuro de bens é dom do próprio Javé e não conquista do povo, sobretudo quando esta implicava em traição de valores fundamentais para o povo. Nunca a idolatria, a aliança com potências estrangeiras poderiam tornar-se para Israel a fonte de sua esperança. Tal esperança se esvaziaria em ilusão [Jer 8,15; 13,16; Os 2,10; Ez 16,15ss].

Através do imediato temporal, Deus se propôs a si mesmo. E quando este imediato se torna absoluto, temos o pecado, a idolatria, a traição do povo em relação a seu Deus. Na linguagem profética, o povo se prostituía, adulterava, entregando-se a uma amante [os bens absolutizados] e não a seu verdadeiro esposo: Javé [Os 2].

Ao longo da história de Israel, assistiremos ao diálogo da fidelidade de Javé, princípio-esperança e o pecado, infidelidade de Israel, princípio-morte. Toda vez que Israel se apóia em Javé, vive. Toda vez que desespera, morre, é destruído, castigado. Esta morte vai reduzindo o povo até tornar-se um pequeno resto. Deste resto surge o Messias, a grande proposta da fidelidade de Javé. Aqueles que se apoiarem sobre ele continuarão, constituindo a geração cristã.

Israel só conheceu uma esperança em tensão dialética com a prova, com a tentação, com uma realização que parecia apelar mais para a esperança que para a plenitude de sua realização. Nisto também Abraão é protótipo. Promessa e realização do filho. Prova do sacrifício do mesmo. Realização: o filho lhe é dado, mas não chega a tomar posse da terra. Cada momento de Israel é promessa, realização que continua sendo promessa para outra realização. Israel é, portanto, o povo que vive da esperança e nunca da plena realização.

#### É preciso esperar. Tudo ainda não aconteceu.

Revela-se aí a dialética escatológica da própria estrutura da esperança: "já" e "ainda não". Para Israel, tal dialética era vivida nos acontecimentos. Sem o "já" a esperança de Israel poderia parecer temeridade, pretensão, presunção. O "já" é o dom de Deus presente, a fidelidade dele já experimentada. Por isso a memória era tão importante para o povo judeu. Ela não se colocava numa linha saudosista, espiritualista, mas era densa de realidade. Significava reviver misticamente, sacramentalmente os acontecimentos do passado. Assim pela memória da páscoa, os judeus se tornavam contemporâneos de seus pais, eram salvos com eles. A memória fundia a dupla dimensão do passado e do presente. O acontecimento se tornava presente e os participantes da lembrança se tornavam presentes ao acontecimento [5]. Lemos textos como esses da pena de rabis: "Ele nos livrou a nós e a nossos pais do Egito e nos fez chegar a esta noite de Páscoa", Rabi Taplion [6].

O "já" defendia Israel dos sonhos, da alienação, da projeção de desejos inconscientes. O "já" é a pedra de toque do realismo, contra os mitos, as utopias. Israel era chamado continuamente ao realismo do "já" pelas vozes dos profetas, pelas celebrações litúrgicas, pela contínua leitura da Escritura, que ia sendo reinterpretada, relida, reescrita. O "já" é a força do "ainda não". O "já" acontecido impelia Israel para assimilar situações culturais novas.

O "ainda não" arrancava Israel de seu imobilismo, de sua autosatisfação, de sua fixação ao presente. Era a força propulsora para um futuro, não quimérico, porque apoiado no "já" de Javé. O "ainda não" da libertação arrancou Israel do Egito. O "ainda não" da posse da terra fê-lo peregrinar pelo deserto. O "ainda não" dos lugares altos fê-los lutar já dentro da terra prometida pela cidade alta. E assim por diante, cada "ainda não" apoiado no "já passado" revelava a Israel o sentido de sua existência, de sua esperança. O "ainda não" mostra, em última análise, a abertura fundamental do homem para a história, para a saída de si. Ele deve esperar. Tudo ainda não aconteceu.

O limite do "ainda não" não é visto a partir do já acontecido, mas a partir do que é possível ao Deus da Promessa. Isto é, não há limite para a esperança. Daí que nenhuma situação presente é normativa, no sentido de ser fixa, definitiva, insuperável, a repetir-se indefinidamente. A inviabilidade de uma si-

tuação, a partir dos cálculos humanos, não é o limite da esperança,
mas antes seu campo. O futuro é,
pois, somente inteligível pela força
de Deus e não pela história dos
acontecimentos programados [7]. O
"ainda não", fruto da promessa,
está sempre em tensão com o "já
da história", exercendo a dupla
função de crítica e anúncio. Crítica
ao fixismo da fé. Anúncio do "ainda não" a vir [8].

Sempre que se medir o "ainda não" pelo "já" surgem a crise, o desânimo, a falta de esperança. O homem coloca a esperança em suas possibilidades. Cai no cepticismo.

Se para os povos pagãos a grande atitude religiosa era procurar VER o mundo divino, Israel se colocava na posição de quem queria OUVIR. O grande pecado era a surdez. A palavra de Deus ecoava como pro-messa, pro-posta e ao israelita fiel a atitude religiosa era de escuta, de confiança, de fé. O VER tende a sacralizar o presente, a fazer do homem um curioso do divino, procurando todos os meios. para possui-lo. O VER se coloca mais na linha do TER. O OUVIR faz-nos disponíveis, desinstalados. Estar à escuta implica antes a novidade da palavra. O VER faz supor uma realidade já toda existente, mas ainda não descoberta. O OU-VIR se nutre da criatividade da palavra. O VER volta-se para o presente. O OUVIR para o futuro, o novo, o prometido. Coloca-se na linha do SER.

A esperança cria um tempo de vazio, um espaço para a cruz. Ela é

como o sábado santo. Constata a morte do Cristo, e ainda não se encontrou com o Cristo glorioso. Constata a morte do presente. Sua pequenez. Sua injustiça. Sua realidade de pecado. Sua insuficiência como presença de Deus. Anuncia o amanhã pascal, a ressurreição, a ilimitude do Dom, a presença de Deus. Profetiza a superação total da morte, do egoísmo, do ódio, do pecado. Mas tudo isto é futuro.

Quem espera, vive exatamente neste momento de insuficiência do "já" e da plenitude "ainda não" acontecia. O "já" não é suficiente. O "ainda não" está por vir. É o vazio da kénosis. Tal atitude só é possível na graça de Deus. Se o homem se fixa neste momento, morre-lhe a esperança. Se a fé é ameaçada por dentro [9], a esperança o é ainda mais. Vive tentada pelo conformismo, pelo edonismo, pela instação do "já" e pelo desespero, pelo fatalismo, diante do "ainda não" acontecido. Só a esperança pode superar tal tensão, tal tentação, tal prova.

A esperança é, para Israel, contínua releitura do passado. O "já" acontecido é reinterpretado à luz dos novos "já" e dos "ainda não" prometidos. Ela não permite uma fixação no passado. Até o passado entra dentro da mobilidade da esperança. Não num sentido de fazer acontecer de novo o que já aconteceu, mas reinterpretando-o, sempre de modo novo, percebendo-lhe a riqueza existencial. A esperança permite a superação de uma hermenêutica substancialista, que julga poder fixar um único sentido ao

passado e que deve ser descoberto. A esperança mostra a importância do evento presente para entender o passado, dando-lhe novos dos, dentro de uma continuidade histórica. A esperança significa também uma superação da pura subjetividade. Não cria as situações a partir do homem. Firma-se nas promessas de Deus que encontram na história, através das graças comunicadas por Ele, a antecipação dos dons prometidos ainda maiores. Como o Deus-da-promessa está sempre em ação, nada que pertence ao passado pode ser-lhe limite.

Israel vive a esperança dentro da história em contínua tensão com o presente. Mais. A esperança contém o germe da própria superação de toda a história. O "ainda não" não encontra seu limite senão na realização plena da escatologia. Cada "ainda não" que vai acontecendo é sinal do Reino de Deus definitivo. O limite da esperança é o semlimite, a força infinita de Deus consumando a história.

Cada "já" aponta para algo que aconteceu e anuncia algo a acontecer. O passado é promessa do futuro [10].

O Novo Testamento viverá a mesma dialética. A presença histórica de Cristo é vista como plenitude realizada e anúncio. "Encheu-se a medida dos tempos. O Reino de Deus está próximo" [Mc 1,14]. Encheu-se a medida dos tempos: realização. O Reino de Deus está próximo: anúncio. "Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho" [Gál 4,4]. Mas esta plenitude que se realizou em Cristo

deve ainda ser completada por nós até o dia em que o Senhor virá de novo [Col 1,24].

Os homens do Novo Testamento experimentarão de modo vivo a tensão escatológica. Desde as primeiras páginas podemos perceber o esquema: promessa, realização, que é por sua vez promessa de outra realização. A uma estéril [Isabel], promete-se a maternidade [Lc 1,5-25]. A realização [João Batista] é por sua vez promessa de outro maior que virá depois dele. Ele simplesmente o precederá [Lc 1,17]. É uma voz que anuncia um mais forte, de quem não é digno de desatar as sandálias [Mt 3,11].

A uma virgem [Maria], também é feita uma promessa: conceberá e dará a luz a um filho, o Salvador [Lc 1,26-38], cujo reino não terá fim. A promessa: o Filho para uma virgem. A realização: nascimento do menino. Tal menino se torna em promessa de um reino que não terá mais fim. Tal reino ainda está em curso. Vivemos, portanto, sob o signo da realização-promessa.

O início da vida pública de Jesus é colocada também sob o mesmo signo de promessa e realização-promessa. A promessa: "o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para anunciar aos cativos a liberdade, aos cegos a vista, para libertar os oprimidos, para anunciar um ano de graça do Senhor" [Lc 4,18]. A realização: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados [Lc 7,

18-23]. Realização-promessa: o Filho do homem enviará seus anjos e eles arrancarão de seu Reino todos seus escândalos, os fautores de iniquidade e os atirarão na fornalha de fogo. Lá haverá lamentação e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol no Reino de seu Pai [Mt 13,41-43].

#### Esperança fortificada pelo SIM

O Cristo que vem pregar é promessa. O Cristo que prega, que atua é realização. Mas dentro de um contexto de ambigüidade, de santidade e pecado. Ele é, por sua vez, promessa de um reino onde toda ambigüidade será superada. É a grande promessa e ameaça. Promessa para os que lutam pela justiça, pela paz, pelo amor, pelo serviço aos outros, pelo respeito ao irmão. Ameaça para todos que se põem contra esse reino de justiça e amor.

Os homens do Novo Testamento, durante certo tempo, esperavam para breve esta consumação, isto é, a segunda vinda de Cristo. Viviam sob a expectativa da iminência da escatologia. Esta experiência foi muito decisiva para o modo de eles viverem o evangelho e de se constituirem em uma comunidade escatológica de salvação [11]. Eles se sabem aqueles que crêem no Messias aparecido em Jesus de Nazaré, elevado por Deus à sua direita, e que lhes enviou o Espírito Santo como penhor de uma plenitude a ser instaurado por ele definitivamente com sua segunda vinda. Na esperança deste "ainda não", os cristãos viviam o "já" do tempo presente, do tempo da Igreja [12].

A esperança continua sendo a grande mensagem do Novo Testamento, como o fora do Antigo. Uma esperança, agora mais fortificada pelo SIM salvífico do Pai, dito de modo definitivo no seu Filho. Este Dito do Pai está em curso através de todas atividades que os cristãos desenvolvem em sua vida. Acontece no batismo, na fracção do pão, na diaconia da caridade, na pregação da palavra, na vivência da Boa Nova: estamos todos salvos pela força de Deus [Rom 1,16].

O "já" da esperança é percebido pelos cristãos como uma libertação do jugo do formalismo da lei [Mc 2,27], anunciando uma realidade futura onde não haja mais lei, porque o amor ocupará todo seu lugar. Pois o amor é a superação total da lei [Rom 13,10].

O "já" da esperança via nos milagres de Cristo a presença de uma nova força, um novo princípio: o amor, que abala as próprias leis físicas. Ele mesmo é o grande milagre. Denuncia a autonomia independente e orgulhosa, a autosuficiência pretensiosa da natureza e anuncia sua libertação total a acontecer na ressurreição final.

O "já" da pregação de Cristo, continuada nas pregações dos apóstolos, dos enviados destes, é denúncia de uma era já superada, de uma justiça das obras e da lei [Rom 3,27ss], anunciando um mundo novo a ser vivido com espírito novo [Mt 5] e plenificado na vida eterna. As parábolas de Jesus, meditadas e teologizadas dentro da comunidade cristã, colocam-se também sob o signo dialético da espe-

rança. Denunciam o joio [Mt 13, 24-30], os peixes ruins [Mt 13, 47-50], os bodes [Mt 25,31-46[, o conviva sem a veste nupcial [Mt 22,1-14], anunciando a triagem definitiva. O "já" é a pequena grei [Lc 12,32] o grão de mostarda [Mt 13,31-32], a pérola escondida [Mt 13,44-46], as virgens à espera [Mt 25,1-13]. O "ainda não" se anuncia como crescimento até a plenitude final, até o encontro com o esposo.

O Novo Testamento é fascinado pela esperança. Quando tudo parece acabado, esmagado pelas perseguições, pelas traições dentro da própria família [Mt 10,17-25], pela morte, aí o anúncio é de felicidade, de gáudio: "sede na alegria e na felicidade, pois vossa recompensa será grande nos céus" [Mt 5,11]. Cristo é o modelo. Sua paixão e morte, descritas nos pormenores, são denúncia do pecado, do egoísmo humano, do desejo de prepotência, mas também anúncio de uma vida nova acontecida na sua ressurreição, como primícias para todos nós [1 Cor 15,20].

O "já" da morte de Cristo é anúncio do "ainda não" da vitória definitiva sobre a morte para todos nós [ 1 Cor 15,55]. O mistério pascal para o N.T. é mistério de esperança. O "já" acontecido em Cristo é penhor do que acontecerá com os que crêem nele [Col 3,24; 2 Cor 1,20; 3,18-6] e julgamento para os que não crêem [Jo 3,18]. Toda mensagem de esperança, porque dirigida a seres livres, é ao mesmo tempo risco, ameaça. Não se trata de uma esperança ingênua,

automática, fatalista, determinística, mas como proposta livre e gratuita da parte de Deus à liberdade da resposta humana.

O mistério da morte e ressurreição de Cristo revela o amor infinito do Pai aos homens. Neste amor está toda a força da esperança. O horror e a infâmia da cruz se transformaram no acontecimento supremo de salvação para os homens. Com isto, nenhuma realidade humana escapa ao mundo da esperança. Nada pode realmente ser desesperante para o homem, desde o momento em que Cristo morreu por nós numa cruz. Até o pecado pode ser assumido no mundo da esperança. "O feliz culpa, que mereceu ter tal e tão grande redentor" [Liturgia do Sábado Santo]. Só a liberdade perversa do homem pode transformar em morte, em condenação, os germens de esperança.

#### Conclusão

A mensagem do Novo Testamento é um hino de esperança, em harmônica ressonância com a tradição bíblica iniciada nas primeiras páginas da Bíblia. O proto-evangelho, o primeiro anúncio de salvação abre a perspectiva da vitória da linhagem da mulher sobre a serpente da maldade [Gên 3,15]. É o início da esperança. Paulo, noutro momento da história da salvação, já conhecendo o mistério de Cristo morto e ressuscitado poderá exclamar:

"Que podemos dizer diante de coisas tão magníficas quanto estas? Se Deus está de nosso lado, quem

é que pode estar contra nós? Visto que Ele, em nosso favor, não poupou nem o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, será que certamente não nos dará tudo o mais? Quem se atreve a nos acusar, a nós que Deus escolheu para sermos dele? Será que Deus faria isso? Nunca! Foi Ele quem nos perdoou e nos deu o direito de ficar com Ele. Quem nos condenará então? Cristo? Não. Foi Ele quem morreu por nós e voltou à vida por nossa causa e agora está sentado no lugar de maior honra junto a Deus, rogando por nós lá no céu. Quem, então, pode jamais ocultar de nós o amor de Cristo? Quando estamos aflição ou em desventura, quando somos perseguidos de morte ou destruídos, será que isso acontece por que Ele não mais nos ama? E se tivermos fome, ou ficarmos sem dinheiro, ou passarmos por perigos, ou formos ameaçados de morte, será pois que Deus nos desamparou? Não, pois as Escrituras nos dizem que por sua causa precisamos estar prontos a enfrentar a morte a qualquer momento do dia - somos como ovelhas, prontas a ser abatidas no matadouro. Mas apesar de tudo isso, temos uma vitória esmagadora por meio de Cristo, que nos amou a ponto de morrer por nós. Estou convencido de que nada poderá jamais nos separar do seu amor. A morte não o pode, nem tampouco a vida. Os anjos não o poderão, e todas as forças do inferno não poderão afastar de nós o amor de Deus. Nossos temores pelo dia de hoje, nossas preocupações sobre o dia de amanhã. Ou o lugar onde

estivermos — bem alto no céu, ou nas profundezas do mar — nada, jamais, será capaz de separar-nos do amor de Deus demonstrado pelo nosso Senhor Jesus Cristo quando morreu por nós", [Rom 8,3139].

.. ...

#### NOTAS

- 1. F. KERSTIENS, Hoffnung, em: Sacramentum Mundi, ThLexfür Praxis, II, Basel-Freiburg-Wien 1968, col. 725 ss; v. IMSCHOOT, Esperança, em: Dicionário Enciclopédico da Bíblia, tradução brasileira, Vozes, Petrópolis 1971, col. 476 ss; J. B. BAUER, Hoffnung, em: Bibeltheologisches X Wôrterbuch, Graz-Wien-Kôln 1962, 661 ss. Tradução brasileira, ed. Loyola, São Paulo 1973.
- 2. M. ELIADE, Le mythe de l'eternel retour. Archétypes et répétition, Paris 1949. M. ELIADE, O Sagrado e o profano. A essência das religões, tradução portuguesa. Lisboa, s/d.
  - 3. M. ELIADE, o. c.

- X. LÉON-DUFOUR, Vocabulário de Teologia Bíblica. Tradução brasileira, Vozes. Petrópolis 1972, col. 288 ss.
- 5. M. THURIAN, L'Eucharistie, Neuchatel, 1963, página 26.

- 6. S. MARSILI, A Missa, mistério pascal e mistério da Igreja, em: G. BA-RAÚNA, A sagrada liturgia renovada pelo Concílio, Petrópolis 1964, página 387.
- J. MOLTMANN, Teologia da Esperança, tradução brasileira Herder, São Paulo 1971, página 114.
- G. GUTIÉRREZ, Teología de la IIberación, Perspectivas, Lima 1973, página 53 ss.
- 9. K. RAHNER, Uber die möglichkeit des Glaubens heute, em: Schriften zur Theologie, VI, Einsiedeln 1964, 11 ss.
  - 10. J. MOLTMANN, o.c., página 120.
- 111. R. SCHNACKENBURG, L'Eglise dans le Nouveau Testament, tradução francesa Paris 1964, página 133 ss.
- 12. H. SCHLIER, **Die Zeit der Kirche,** Freiburg 1956; 1966; tradução francesa Le Temps de L'Eglise, Paris-Tournai 1961.

#### FR. FERNANDO A. FIGUEIREDO, OFM

Na Sagrada Escritura o termo vocação corresponde ao verbo chamar, podendo pois ser entendido como chamada. Impõe-se assim, como ponto de partida de nossa reflexão, uma breve análise deste termo nos Escritos Sagrados.

Significado do termo chamada. O verbo gará, chamar, encontra-se na Bíblia em seu sentido profano de fazer vir, convidar ou nomear. Recebe no entanto um significado novo quando tem Deus como sujeito. Designa o fato de Deus tomar algo ou alguém para si a fim de realizar seus desígnios. Cria o universo nomeando suas partes constitutivas. Apela ao ser.

Chamar significa o apelo que Deus dirige a uma pessoa para exercer uma missão determinada. Jesus chama seus discípulos e eles deixam tudo para segui-lo (Mt 4, 21). Paulo se diz "chamado apóstolo" (Rom 1,1; 1 Cor 1,1) definindo deste modo sua função particular de chamar todos os pagãos à fe.

A este primeiro sentido liga-se aquele de impor um nome. Neste caso o apelo caracteriza o modo como Deus se encontra com o ho-

## ELEMENTOS EVANGÉLICOS E TEOLÓGICOS DA VOCAÇÃO

mem, mas qualifica ao mesmo tempo a aceitação, por parte do homem, de certa missão. Assim, por
exemplo o nome que Jesus dá a
Simão prefigura a função que o
apóstolo exercerá na Igreja: "Tu
és Simão, o filho de João; serás
chamado Kefas, que quer dizer, Pedro" (Jo 1,42). Teríamos ainda
como exemplo o apelo dirigido a
Abraão para constituir um povo
escolhido entre as nações; o nome
dado a Jacó, etc.

O termo chamada designa, portanto, não só algo que partindo de Deus atinge o homem, mas é o modo mesmo de Deus encontrar-se com o homem: o apelo é o próprio Deus em contato com o homem.

Um terceiro sentido, aquele de chamar ao ser, está intimamente ligado aos dois outros. Encontramo-lo nas primeiras páginas da Bíblia, como também nos textos do Novo Testamento que falam da nova criação, da conversão ao Cristo. O apelo de Deus torna-se a própria missão realizada pelo homem, melhor: o orientar-se do homem para o seu verdadeiro ser é a expressão do apelo de Deus que nele se dá. O homem se realiza na medida em que escuta o apelo de Deus em sua existência.

Como podemos constatar, os sentidos conferidos ao verbo chamar não são opostos, mas complementares. Em Cristo, eles são recapitulados: ele é o chamado, ao mesmo tempo que é aquele que chama. O apelo de Deus-Pai é o seu verdadeiro ser, que constitui o grande apelo dele aos homens, se-

jam estes considerados individualmente ou em sua universalidade.

Apelo — Palavra. O sentido expresso pelo termo chamada equivale em grande parte ao conceito bíblico de Palavra de Deus. Este ademais nos deixa entrever melhor a iniciativa de Deus em seu apelo ao homem.

No Antigo Testamento palavra é aquilo que sai da boca, dos lábios do homem (Núm 38,13; Jer 17,16), mas que tem sua origem no coração. É pois aquilo que exterioriza, expressa o que se disse em seu coração (Gên 17,17; Sl 14,1), ou o que lhe vem ao coração (Jer 3,16; Is 65,17), ou ao seu espírito (Ez 11,5; 20,32). Não há só uma transmissão de conceitos; a palavra (logos-légein) exprime o fato de se deixar-estendido-junto-diante: é a manifestação do ser.

A Palavra de Deus não é pois uma mera idéia abstrata, mas reflete, diríamos em figuras humanas, todo um estado de alma do próprio Deus, isto é, o seu amor, aquilo que pervade todo o seu ser amoroso em relação ao homem a cada pessoa. Mais ainda. Quando a Sagrada Escritura fala da Palayra de Deus, não quer só designar a expressão do pensamento, as intenções ou projetos de Deus, mas designa também a própria potência de Deus, ou seja sua forma ativa que cumpre o que a palavra significa. O próprio vocábulo palavra já indica a própria força que faz com que o significado expresso por ela, se realize (cf. R. LATOUREL-LE, Teologia da Revelação, São Paulo 1972, pp. 25ss).

Palavra — Recolhimento de sentido. A partir destes elementos bíblicos somos conduzidos a algumas considerações da "vocação-chamada-apelo" sob o ponto de vista antropológico, isto é, enquanto é uma realidade que se processa no homem.

O apelo de Deus constitui o "proprium" de nossa missão = processar-se da vocação. A Palavra de Deus em seu sentido dinâmico (não só noético) é a própria consecução no homem daquilo que é por ela significado. A palavra é, pois, a própria missão ou a consecução. Isto que é por ela significado no homem.

Porém, algo se dá nesta missão ou consecução: O apelo, justamente por ser o proprium ou o vigor da missão, não é totalmente apreendida na compreensão dela. Caso reflitamos sobre o que seja missão, começamos a verificar que ainda que a definimos deste ou daquele modo e a descrevamos fundados em análises sociológicas e psicológicas, algo nela subsiste de desconhecido, sempre pronto a irromper como o "inopinado". O apelo, embora nela se dê, não se encerra em seus limites. Ele é mais vasto. É o que delineia a missão em sendo sua força energética, escapando todavia os limites apreensíveis da missão, uma vez que ela é a fonte de novas perspectivas e espectativas.

O homem busca, no entanto, entender sua missão, ou seja, apreender seu sentido. Tal se dá na medida em que ele apreende o Apelo-Palavra que nela se dá, mais exatamente só enquanto ele apreende a presença deste Apelo-Palavra nele mesmo. A missão ou a vocação 
em seu processar-se pode pois ser 
entendida como a Palavra autoatuante ou ainda palavra enquanto 
s e estende-junto-diante-do-homem. 
Ele busca entendê-la.

#### O que é entender?

Entender é justamente o recolhimento concentrado da palavra que é dirigida ao homem e se lhe dá, e que se estende-diante dele (missão). A palavra é pois estarestendida-junto-diante, mas é também o seu próprio recolhimento. É igualmente recolher-o-estendidojunto-diante. Entender é antes de tudo recolher-se e escutar. Só pode entender quem pode escutar. Assim o entender-escutar abrange o homem todo. A sua vocação não é algo determinado por simples análises e deduções, métodos históricos ou dialéticos, mas é algo que se dá em sua vida: há uma identidade fundamental entre o que ele faz e o que ele é (ser-agir).

O homem deve encontrar o sentido daquilo que faz (da missão). Este é justamente a totalidade do estendido-diante, mas enquanto ele se apresenta junto ou seja em sua unidade, no seu uno. Entender é, portanto, recolher o uno, o vigor da palavra estendida-junto-diante. Ele o recolhe na escuta da própria palavra que nele é recolhimento-desentido, assim que na mesma medida em que ele se entende no seu uno (proprium) ele entende o uno de sua missão: "vocação-chamadaapelo" é estender-junto-diante a palavra que nos é dirigida e que se nos dá, mas é também constantemente estar a escuta desta palavra que é recolhimento-de-sentido, isto é, do sentido deste estendido-juntodiante no uno de cada homem.

Com isto, não se quer relativizar os fatos ou o modo concreto de como se processa a vocação. Afirma-se, ao contrário, a sua consistência que é evocar algo que neles se dá. Eles nos remetem constantemente a este radical que é o Apelo-Palavra de Deus.

Faz-se mister uma renúncia e esvaziamento contínuos do nosso "eu" presente em nossas ações. O homem é pois convidado a questionar-se na busca do sentido radical de sua existência. Ele é convocado a uma reunião, isto é, a reunir-se outros homens conservando com porém as suas diferenças na identidade de sua vocação. Eles não são convidados a uma união que se entenda como uniformização, mas a uma união fundada na busca comum do sentido radical de suas existências, cujas histórias particulares são e continuarão a ser diferentes umas das outras.

Chega-se a considerar a vocação como algo um tanto distinto
do "eu", como se fosse um outro
"eu" encarnando aquilo que almejo,
o meu ideal. Não há senão uma
real unidade: o meu "eu" encontra-se em tudo e tudo se orienta
para o seu crescimento e aprofundamento. Todavia, a vocação não
se resume a uma dimensão meramente antropológica, o que nos levaria a um subjetivismo, mas no
antropológico constata-se uma abertura à transcendência.

Homem: Possibilidade e Transcendência. A existência humana se
nos apresenta antes de tudo como
possibilidade e transcendência, isto
é, o homem é na origem e essencialmente um fazer-se, uma possibilidade de realizar-se dum modo
ou doutro ou de não realizar-se por
meio de sua liberdade.

Esta possibilidade é explicitada pela transcendência que indica como a existência humana está essencial e originariamente no realizar-se no mundo no qual se encontra, e portanto é subjetividade que ultra-passa a si mesma e é destinada a inserir-se no meio das coisas do mundo sobre as quais exercita sua possibilidade de agir, de pensar, de inventar, etc.

Notemos a diferença do conceito de transcendência aqui apresentado daquele da metafísica tradicional. Nesta, a transcendência indica a alteridade dum ser a respeito dum outro, e, especificamente, do ser infinito em relação àquele finito. De certo modo o uno deste termo, neste sentido, tem uma origem espacial.

No sentido por nós dado, transcendência é "ultrapassamento" mas não espacial, porém no sentido que o homem está por sua constituição, isto é, estruturalmente, em movimento: seja em direção àquilo que ele é ou que ainda não é, para compreender, fazer, decidir; seja em sua orientação para o que chamamos mundo.

Pertence ao homem uma dimensão-transcendência que lhe é intrínseca e que deve ser levada em consideração em toda reflexão que a ele se refira. A "vocação" —
"chamada" é portanto essencialmente dinâmica; ela não é dada
ao homem uma vez por todas e já
pronta, mas se constrói no dia-adia. Ela não consiste principalmente na fixação de metas ou na busca de resultados palpáveis, mas
é antes de tudo um ideal vivido
no agora do presente, em qualquer
situação que o homem se encontra.

Vocação — projeto. Da possibilidade e da transcendência deriva o conceito de projeto. Projeto é o compromisso do homem que pode escolher a própria existência ou o seu próprio modo de ser. Não se trata de possibilidade incondicionada ou ilimitada, pois toda escolha é acompanhada de limites e exclusões de espaço e de tempo. É porém, nestes limites que o homem deve responder ao apelo de Deus, cuja resposta por parte do homem é o seu projeto de vida.

Projeto (pro-jeto) = lançar para frente. É um desvelar sempre mais intenso e profundo da existência do homem, assim que ele exista, em cada momento que passa, em sempre maior densidade. Daí o ser de novas interrogações e questionamentos mais radicais: o incógnito, ao mesmo tempo, que se torna familiar, vela-se.

É a partir deste projeto que a experiência do homem num todo recebe orientação e sentido. Há uma compreensão da existência em totalidade. Nele está contido não só o passado, mas a possibilidade e a transcendência, esta capacida-

de de "ultrapassamento" que nós denominamos expectativa.

No entanto, este projeto não se desenvolve dum modo linear, com um começo, um meio e um fim, mas é um concrescer, um avolumar-se. A cada instante o homem se sente diante do desconhecido, do inopinado que se assimila ao familiar. A busca de realização deste projeto não está no desenvolvimento cronológico, mas sim na intensidade com que se vive o presente. Em cada momento de sua vida algo de inopinado sobrevém ao homem; ele o assimila ao familiar. O homem começa a compreender melhor o passado que é iluminado pelo desconhecido-familiar, que lhe desvela novos horizontes antes ainda não percebidos.

Projeto é progredir, progredir é o abrir-se sempre mais do homem ao humano. Ele conhece e sente que o seu ser é ameaçado pelo nada e que seu viver, operar, projetar, transcender é sempre um limitar-se, um renunciar-se e que se algo é, só o é ao preço do ser nada. É o liberar-se do seu "eu" para estar a escuta da Palavra de Deus; que o apela e opera aquilo que ela significa. O homem se projeta numa vivência do presente à escuta do Apelo-Palavra de Deus que aí se dá.

O homem. Do que foi dito, conclui-se que o Apelo feito por Deus assume, sem dúvida, uma dimensão eminentemente antropológica. "Chamada-vocação-Apelo" tem seu ponto alto não na mensagem ou num plano que seja extrínseco ao

homem, mas no projeto do próprio homem. É o manifestar-se nele do ser e no abrir-se dele ao ser, isto é a sua realização. É este o seu ser histórico, o seu ser no mundo e no tudo.

Nós podemos pois finalizar que todos os homens são chamados ao originário de si mesmos; todos são convidados a estar à escuta do Apelo-Palavra de Deus que ecoa em cada um. Avançar para esta identidade, para o seu proprium de criatura é sua originária vocação. Ela assumirá formas e representações diversas, porém serão válidas não enquanto as absolutizemos, mas enquanto elas remetem, enviam o homem a esta busca do sentido radical de sua vida. Toda formação deve estar norteada para este fim.

# FITOTECA C R B

O QUE É — Um conjunto de gravações em mini-cassete, de assuntos referentes à vida religiosa e à sua atualização apostólica no contexto de hoje. A temática é riquíssima e poderá ser muito bem explorada de maneira a responder às necessidades de aprofundamento e atualização de inúmeros religiosos que não dispõem de meios ou de tempo para longos estudos e leituras.

como Funciona — Mediante inscrição você receberá mensalmente por correio registrado uma cassete de 60 minutos (30 e 30), num sistema que chamaremos de ABC, ou seja: a inscrição lhe dará direito a três cassetes A, B, C. Você recebe a 1.ª (A), um mês depois receberá a 2.ª (B). Devolva então a 1.ª (A) para que lhe seja enviada a 3.ª (C). Como vê: uma cassete estará sendo ouvida; uma estará sendo gravada; uma estará viajando. Urge, portanto, muita exatidão.

IMPORTANTE — Primeiro: Toda correspondência sobre FITOTECA seja endereçada para Fitoteca CRB — rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar ZC-05 20.000 Rio de Janeiro — Guanabara. Preços: Inscrição para seis meses: Cr\$ 50,00. Inscrição para doze meses: Cr\$ 100,00. Segundo: A devolução de sua cassete ouvida seja feita só para Frei Fernando Schnitker — Convento São Franco — 53.000 Olinda — PE.

1,

De 11 a 22 de setembro, realizou-se em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, o Encontro Nacional de Formadores para a Vida Religiosa. Participaram 56 pessoas, além de peritos e orientadores. Havia 40 religiosas e 16 religiosos, representando 45 congregações. Provinham de todas as regiões do Brasil. O programa foi montado de tal forma que permitisse a mais ampla participação. Nos quatro primeiros dias os participantes receberam informações sobre probleatuais ligados à formação. Houve o depoimento de nove grupos de jovens formandos e formandas, além do resultado de um inquérito feito junto aos provinciais, formadores e formandos. Completando esta parte informativa houve

quatro exposições: 1.º) Elementos sobre a pessoa, Pe. Tiago Lara, SDB. 2.º) Atitude crítica frente à realidade, Frei Leonardo Boff, OFM. 3.º) Amadurecimento da personalidade, Pe. Oscar Mueller, SJ. 4.º) Elementos teológicos sobre a vocação, Frei Fernando Figueredo, OFM.

A partir do quinto dia, o trabalho foi a análise e a síntese, pelos próprios participantes. Não se pretendia um Documento, mas unicamente estabelecer algumas pistas para orientar o atual momento da formação para a vida religiosa. O resultado foi o que segue. Repetimos que o texto não pretende ser completo, mas suplinhar aspectos que pareceram importantes a todos.

# ENCONTRO DE DE FORMADORES

#### I — OBJETIVO GERAL DA FORMAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA

A formação para a Vida Religiosa tem por objetivo criar condições para a descoberta e o assumir progressivo do projeto fundamental de Deus: no amadurecimento de si mesmo; na opção radical
à vida cristã e religiosa através da
busca e realização dos valores pessoais; da radicalização da fé, da
autenticidade de uma vida comunitária, do serviço aos irmãos, pela
inserção na missão da Igreja, dentro do carisma da Congregação.

#### II — FORMAÇÃO INTEGRAL

#### 1. Formação Integral do Religioso

- 1.1. Conceituação. Desenvolvimento integral da pessoa humana que procura viver, na Congregação Religiosa, a sua vocação cristã dentro da Igreja e do mundo atual.
- 1.2. Implicações. Este processo de formação envolve toda a pessoa. Os aspectos distintos são apenas enfoques diferentes que não podem existir desintegrados. Consideremos três: humano, cristão, religioso.

#### 2. Formação humana

- 2.1. Objetivos. Descoberta e vivência da própria identidade e de suas relações com o mundo, com o outro, com a comunidade, com a história e com Deus. Descoberta. e desenvolvimento de valores pessoais e aceitação de suas limitações e dos outros. Desenvolvimento do espírito criativo e capacidade de decisão. Sentido de corresponsabilidade. Maturidade progressiva. Capacidade de diálogo e de auto-crítica. Consciência comunitária. Capacidade para liderança. Promoção da comunidade humana. Respeito aos carismas pessoais e sua promoção.
- 2.2. Conteúdo. a) Elementos de fisiologia, biologia e genética, para o conhecimento da realidade humana. b) Elementos de antropologia para o conhecimento do homem situado, datado, encarnado e de sua vocação fundamental. c) Ele-

mentos de psicologia. d) Elementos de pedagogia. e) Elementos de filosofia. f) Elementos e condições para a capacitação profissional e técnica.

# 3. Formação cristã (compromisso batismal)

- 3.1. Objetivos. Abertura e vivência madura da fé, da esperança e da caridade para a realização do projeto fundamental de Deus em sua vida. Descoberta e adesão à pessoa de Cristo. Experiência de Deus na oração e na vida.
- 3.2. Meios. a) Formação bíbliintrodução à bíblia, valorização da palavra de Deus como fundamento para a espiritualidade cristocêntrica. b) Formação eclesial: eclesiologia, história da Igreja, documentos da Igreja. c) Formação litúrgica: sacramentos, particularmente a Eucaristia. d) Formação apostólica: teologia da missão, doutrina social da Igreja, elementos de catequese, conhecimento da religiosidade popular, conhecimento da pastoral da Igreja universal, nacional, regional e local. Estudo da realidade latino-americana e brasileira. Leitura e interpretação dos sinais dos tempos. e) Fundamentos de teologia. f) Mariologia.

#### 4. Formação para a Vida Religiosa

4.1. Objetivos. Possibilitar e assegurar a vivência da Vida Religiosa como radicalização da fé, da Esperança e da Caridade cristã.

#### 4.2. Aspectos

4.2.1. Teologia da Vida Religiosa em geral: Sentido e importância da vida religiosa para a Igreja e para o mundo atual. História da vida religiosa na Igreja: nascimento, diferenciação e evolução. Os conselhos evangélicos. Fundamentos teológicos da vida comunitária.

- 4.2.2. Teologia da Vida Religiosa em particular: O conhecimento do próprio Instituto. História do Instituto. Carisma do fundador(a) do Instituto. Regras e Constituições.
- 4.2.3. Aprofundamento da experiência de Deus através da oração pessoal e comunitária.
- 4.2.4. Conveniente formação apostólica de acordo com o carisma do Instituto e com as necessidades da Igreja Nacional, Regional e Local.

#### 5. Métodos

- 5.1. Quanto aos conhecimentos: Pesquisas, aulas expositivas e práticas. Entrevistas, leituras, estágios. Estudos. Reflexão. Cursos. Troca de experiências.
- 5.2. Quanto à assimilação do conteúdo: Estudo individual e comunitário. Encontros congregacionais e intercongregacionais. Estudo em dinâmica de grupo. Períodos niaiores de reflexão comunitária e individual.
- 5.3. Quanto à sua aplicação: Estudo e engajamento profissional. Experiência pastoral. Experiências em outras comunidades.
- 5.4. Quanto ao relacionamento formando/formador: Valorização e confiança na pessoa do formando. Acompanhamento amigo, caminhar-

junto. Autoformação acompanhada. Partir de experiências e não de esquemas pré-fabricados. Pequenas comunidades de vida, de estudo e de trabalho. Comunidade formadora e equipe de formação. Entrevistas pessoais. Correção fraterna. Revisões periódicas. Testemunho de vida.

#### III — VIDA COMUNITÁRIA

#### 1 Introdução

A vida comunitária é um dos valores prioritários para a vida religiosa e tem como objetivo específico a vivência profunda da vida evangélica em comunidade fraterna e o testemunho do Reino perante os homens. Para isso, necessário se torna uma busca em comunidade das seguintes atitudes: autenticidade, sentido do outro, corresponsabilidade.

## 2. Caracterização da vida comunitária

O Comunhão de vida marcada pelo equilíbrio entre oração, apostolado e trabalho, onde tudo é sustentado pela fé, num clima de amizade autêntica, o que supõe espírito de renúncia e sacrifício como participação no mistério pascal. Comunidade dinâmica e criativa que vive em crescimento constante, aberta às contribuições que surgem, através dos meios de comunicação e correntes filosóficas, acolhendo-as com senso crítico e incorporando-as em sua realidade. Comunidade de vida, onde um apoio e estímulo do outro e procura viver, com intensidade, a opção religiosa, inserida na realidade local, sendo testemunho de fé, esperança e de amor.

# 3. Meios e condições essenciais para a vivência comunitária

Explicitação da missão da comunidade e comprometimento em assumi-la. Conhecimento pessoal e mútuo. Promoção dos carismas pessoais. Diálogo sincero e fraterno. Corresponsabilidade. Senso crítico. Capacidade de engajamento pessoal. Abertura, hospitalidade, sem prejuízo da vida fraterna. Simplicidade e alegria. Busca consciente de comunhão e conversão num processo de entre-ajuda. Maturidade progressiva. Valorização do essencial. Tempo para encontros comunitários. Horas de lazer (individual e comunitário). Ritmo de oração, especialmente a eucaristia, como expressão e culminância da vida fraterna. Revisão de vida (fraternidade-oração-missão) e avaliação à luz do evangelho.

#### 4. Condições ambientais

Pequenas comunidades: fenômeno generalizado de busca de renovação da vida religiosa. Podem ser
também um meio para a formação,
não esquecendo, porém, as limitações das possibilidades que elas
oferecem, para uma autêntica comunidade de formação. Separação
do local de trabalho. Ambiente
propício para estudo, reflexão, oração. Grupos heterogêneos. Pequenos grupos de vida dentro de comunidades numerosas. Inserção na
realidade local, especialmente pobre.

#### 5. Alcance da vida comunitária

Encontro consigo mesmo. Encontro com Deus. Encontro com a comunidade local. Encontro com a comunidadade provincial. Encontro com comunidades congregacionais e intercongregacionais. Encontro com a comunidade-Igreja. Encontro com a comunidade-Igreja. Encontro com a comunidade-mundo.

#### IV — ORAÇÃO

#### 1. Fundamentação

A oração é essencial à vida humana, à vida cristã e sobretudo à vida religiosa, sendo fonte de enriquecimento pessoal e dinamismo apostólico, se nos apresenta como: Uma descoberta de que Deus toma iniciativa e escolhe. Uma experiência de Deus que leva à radicalidade da vida evangélica. Uma expressão de vida pessoal e comunitária na fé. Uma atitude de abertura ao absoluto, o qual se manifesta na liturgia, na palavra, na pessoa e na comunidade, nos acontecimentos, no mundo, como eclosão do Espírito que habita em nós.

#### 2. Como realizar a oração

2.1. Meios. Experiência de deserto, silêncio para facilitar o encontro consigo mesmo e com Deus.
Preparação antecipada da eucaristia. Vivência da liturgia. Oração
alimentada na palavra de Deus. Conhecimento dos mestres de oração
como fonte inspiradora. Estudo da
Sagrada Escritura. Leitura de revistas especializadas. Meditação e

contemplação. Ambiente que favoreça a oração, clima de silêncio e de fraternidade. Revisão pessoal e comunitária. Acompanhamento e orientação por parte do formador. Retiros.

2.2. Atitudes de: Fé, esperança e amor. Sensibilidade e abertura aos sinais de Deus na pessoa, na comunidade, no mundo. Discernimento pessoal e comunitário. Autenticidade. Busca de união pessoal com Cristo. Deixar-se conduzir pelo Espírito. Silêncio interior e recolhimento. Pobreza de ser e simplicidade. Respeito ao ritmo pessoal de cada um.

#### 3. Oração pessoal

Oração pessoal envolve tudo o que somos, fazemos e temos. Favorece a descoberta e experiência pessoal de Deus, na própria história. Na escuta e contemplação, cresce sempre mais o compromisso radical com o Senhor que se vai revelando na medida em que o buscamos, na disponibilidade e pobreza de coração. Confrontando o evangelho com a própria vida, o religioso encontra em Cristo e na virgem Maria modelos perfeitos de oração e de união com o Pai.

Cristo dirige-se ao Pai e nos ensina a rezar. Sente necessidade de oração e de silêncio. Culmina sua vida na oração. Maria, orante silenciosa, aceitou a revelação total de Deus em si mesma. Manifestou sua pobreza e aceitação da vontade de Deus no fiat.

#### 4. Oração comunitária

Toda oração comunitária supõe e decorre de um encontro pessoal com Deus e de uma profunda abertura para o outro. A oração comunitária é oração de pessoas e não de meros indivíduos. "É vivência concreta e expressão eficaz de nosso estar com Cristo. Formamos uma comunidade não por estarmos juntos, mas porque estamos no Senhor e o Senhor está em nós." A oração comunitária é a vitalização da oração pessoal e da oração apostólica. Leva-nos a uma maior solidariedade com o outro e a um espírito eclesial.

#### 5. Vivência litúrgico-eucarística

Na oração litúrgica, Deus se nos comunica através de sua palavra libertadora e nós respondemos ao seu apelo com nossa fé. A oração litúrgica é oração eclesial e exige um engajamento pessoal profundo na comunidade orante. Reconhecendo o valor de todas as orações litúrgicas, queremos dar um acento especial à celebração eucarística.

A eucaristia ocupa o primeiro e mais importante lugar em nossa vida. É ponto de partida e de chegada, ao mesmo tempo. Todas as vezes que a celebramos, é um conhecimento novo, dá-se o nascimento da Igreja, bem como da própria comunidade. Daí a importância da celebração constante da eucaristia em nossas comunidades para que nossa vida seja sempre um renascer no corpo do Senhor. Esta celebração nos santifica e nos compromete com o mundo novo

que renasce dentro de nós e de nossa comunidade, tornando-nos missionários. A eucaristia opera em nós uma mudança profunda. É fator essencial e indispensável na formação. É uma experiência sensível e profunda que o homem tem de Deus.

#### 6. Consequências

A vivência da oração provocará no religioso a necessidade de reassumir continuamente seu compromisso pessoal: com Deus, na vivência da consagração; com Cristo, que é expressão da incarnação de Deus para nós; com o mundo, como colaborador de Deus na criação e redenção, tendo como consequência: vida missionária, testemunho de vida através do qual atingirá o mundo secularizado, vivência radical do evangelho, discernimento do aqui e agora, liberdade interior, disponibilidade e abertura.

#### V — MISSÃO

O religioso, compromissado pela fé com o plano salvífico, numa atitude permanente de oração, na descoberta progressiva, pessoal e comunitária de si mesmo, do outro e de Deus, é presença — testemunho no mundo e comunhão com o povo de Deus. Por isso, o formando seja preparado a um engajamento na missão da Igreja, para encarnar, anunciar e promover os valores evangélicos. Consideramos importantes os seguintes aspectos:

#### 1. Levantamento e análise

Dos documentos da Igreja e das ciências sociais à luz do evangelho. Da realidade sócio-político-econômica brasileira. Da realidade eclesial em ambito mundial, nacional, regional e local, através de informações, cursos teóricos, pesquisas, estágios.

#### 2. Inserção na realidade

Movimentos de Igrejas. Atividades paroquiais e diocesanas. Participação nos movimentos de pastoral vocacional. Participação na Pastoral de Conjunto. Atividades relativas à promoção humana. Participação em encontros intercongregacionais. Integração em pequenas comunidades engajadas no meio em que vivem. Testemunho pessoal e comunitário de vivência evangélica. Descoberta de novas formas de pobreza. Papel de animador no seio da comunidade local. Ministérios institucionalizados ou não. Capacitação profissional. Localização da casa de formação de modo a permitir estilo de vida simples e comprometida.

#### 3. Atitudes exigidas

Senso crítico. Espírito criativo, de conversão, de transformação e libertação. Atenção e atualização do carisma do fundador. Disponibilidade, serviço e participação. Sensibilidade missionária, solidariedade com a Igreja perseguida. Interioridade, prioridade ao ser sobre o fazer. Atenção às características próprias do povo latino-

americano. Comprometimento com os deserdados, lutando contra as injustiças. Elaboração sistemática, execução acurada e avaliação constante. Despojamento, luta contra a mentalidade de privilégios e burguesia. Consciência de que a missão é uma interpelação. Viver o gratuito e não avaliar a ação em termos de eficiência.

# VI — AGENTES DE FORMAÇÃO

É importante ressaltar a ação decisiva de Deus em todo o processo de formação.

#### 1. Formando

Do formando espera-se: certo grau de maturidade. Ausência de condicionamentos graves, de modo que possam assumir a vida religio-sa livre e conscientemente à luz da fé. Abertura para o diálogo que promoverá o encontro consigo, com o outro, com Deus e com o mundo. Senso crítico. Corresponsabilidade e liberdade. Iniciativa pessoal. Capacidade de engajamento na pastoral. Encaminhamento para uma profissão segundo o carisma próprio do Instituto.

#### 2. Formador

2.1. Comissão de formação: Grupo que elabora o planejamento, promove cursos e preocupa-se com a atualização da formação. Refletir sobre o processo formativo, avaliá-lo e mantê-lo. Oferecer subsídios para a sua realização. Ani-

mar todos os agentes. Estar aberto aos apelos de renovação.

- 2.2. Equipe e comunidade de formação: acompanha e orienta o formando no seu processo de crescimento. Deve ser testemunho pessoal e comunitário: De vida consagrada na vivência alegre das virtudes e conselhos evangélicos; de oração; de reflexão; de diálogo; de espírito crítico; de capacidade de correr risco; de confiança e liberdade; de inserção na realidade da Igreja e do mundo contemporâneo, especialmente nacional; de aceitação e de respeito ao formando como pessoa integrante da comunidade.
- 2.3. Formador: além do já citado, espera-se especificamente do Formador: maturidade afetiva e equilíbrio. Relacionamento interpessoal e abertura para o diálogo. Orientação amiga, otimista e confiante. Concrescer, caminhar-juntos, sem dominar, numa presença animadora e alegre. Atualização e formação permanente.

#### 3. Agentes externos

Ajudam no processo formativo: intercomunicações congregacionais e intercongregacionais; encontros, cursos e retiros etc.; engajamento apostólico; estágios de acordo com o carisma da congregação; ambiente profissional; meios de comunicação; grupos de reflexão.

#### 4. Ambiente físico

Ambiente familiar. Interiorização pessoal. Inserção no meio.

#### FREI ALBERTO BECKHÄUSER, OFM

### I. Natal e Epifania: O Senhor se manifesta

Cada ano, a Igreja revive as principais ações salvíficas chamadas mistérios de Cristo, ressaltando ou comemorando em cada tempo um aspecto do mistério de Cristo total. Assim, o Advento constitui o ponto de partida e de chegada de um círculo da espiral dos anos que vivemos, caminhando em peregrinação ao encontro do Cristo que se há de manifestar em sua glória.

#### Festas da manifestação do Senhor

O ciclo do Natal não deve ser restringido à Festa de Natal. Atinge todas as demais festas em que Cristo se manifesta de alguma maneira como o Salvador. Temos, assim, sua manifestação no Nascimento em Belém, celebrado no Natal. Nessa mesma festa temos o aspecto da manifestação na visita dos pastores. Segue a Festa da Sagrada Família em que Cristo se manifesta no Templo. Vem depois a Festa da Oitava do Natal, hoje chamada Festa de Nossa Senhora,

PARA
O
RETIRO
MENSAL

Mãe de Deus, onde aparece o Evangelho em que Cristo é circuncidado e recebe o nome de Jesus. Novamente ele se manifesta como Salvador. Seguem as festas da Epifania em que o Senhor se manifesta aos povos como Salvador; o Batismo de Jesus em que ele aparece como o Messias que inicia sua missão. Temos ainda o primeiro milagre, o de Caná, em que Cristo se manifesta como quem tem poder. Os discípulos crêem nele. Por fim, a Festa da Apresentação de Cristo ao Templo, encerra este ciclo de festas da manifestação do Senhor, apresentando-o como luz das nações.

#### 2. A espiritualidade deste ciclo

A Liturgia não evoca apenas os mistérios de Cristo, mas vive-os no presente. Cristo não se revelou apenas no passado, manifesta-se hoje, quando a Igreja, reunida, comemora os mistérios de sua manifestação.

Importa, pois, refletirmos como nós podemos viver o nascimento de Cristo e sua manifestação ou, como Cristo poderá continuar a nascer e a se manifestar em nós e nos outros hoje.

#### a) Nascemos com Cristo no Natal

Como dizia Orígenes: "Que me adianta Cristo ter nascido em Belém, se ele não nascer no meu coração?". Comemorando o nascimento de Cristo, a Igreja, cada um de nós, é chamado a nascer também. No Natal vivemos o mistério do encontro entre o céu e a

terra, entre o divino e o humano. Deus torna-se humano para que o humano se torne divino. Esta realidade vem expressa de modo maravilhoso no primeiro Prefácio de Natal:

"Quando o vosso Filho se fez homem, nova luz da vossa glória brilhou para nós, para que, vendo a Deus com nossos olhos, aprendêssemos a amar o que não vemos".

No segundo Prefácio a Liturgia se expressa desta forma:

"Ele, no mistério do Natal que celebramos, invisível em sua divindade, tornou-se visível em nossa carne; gerado antes dos tempos, entrou na história dos homens e, erguendo em si o mundo decaído, restaurou a integridade do universo, para chamar novamente ao reino celeste o homem que se perdera".

Também no terceiro Prefácio vem muito bem expresso o mistério do Natal:

"Por ele, realizou-se neste dia o maravilhoso encontro que nos faz renascer, pois, enquanto o vosso Filho assume a nossa fraqueza, a natureza humana recebe uma incomparável dignidade; torna-se de tal modo um de nós que nos tornamos eternos".

A eternidade penetrou no tempo, para que o tempo pudesse penetrar na eternidade. No Natal vivemos o início da salvação.

Isso acontecerá se Cristo nascer em nós, manifestando-se em nós. De vários modos ele se manifesta em nós: Vivendo, em espírito de acolhimento, n o s s a humanidade contemplada e aceita na de Cristo:

reconhecendo o Menino de Belém como nosso Salvador; participando dos Sacramentos pascais nas festividades de Natal; realizando em nós a humilde atitude de serviço que Cristo manifestou, assumindo a condição de criatura. Fá-lo-emos se soubermos deixar Cristo nascer em nós na caridade fraterna.

Cada qual poderá continuar a refletir como Cristo pode nascer em nós neste tempo de Natal, para que se faça Natal em nossa vida.

#### b) Cristo se manifesta em nós na Epifania

O mistério da Epifania continua o do Natal, pois Natal é também epifania, isto é, manifestação. Como Cristo deseja encarnar-se em nós, como ele deseja nascer em nós, quer também manifestar-se em nós e por nós. O Natal para cada cristão deve transformar-se em epifania. Diz o Prefácio da Festa da Epifania:

"É nosso dever entoar um cântico em vosso louvor, porque hoje, para iluminar todos os povos, revelastes o mistério de nossa salvação fazendo vosso Filho aparecer em nossa carne mortal para renovar-nos na glória da sua imortalidade."

Os sábios do Oriente à procura do Messias são todos os homens e somos cada um de nós. Envoltos nas trevas também nós caminhamos à procura de algo mais, que nos é revelado na bondade de Deus.

Como eles, também nós somos guiados por uma estrela. E são

muitas estas estrelas. A estrela da Palavra de Deus, a estrela das obras da criação, a estrela da fé, a estrela da Igreja, dos Sacramentos, a estrela do amor dos nossos irmãos, todos eles guias que nos conduzem a Belém, ao encontro do Salvador. E a verdadeira estrela, o sol que ilumina nossa vida, quando então todas as demais desaparecem no seu brilho, é o próprio Cristo que ilumina o nosso caminho de volta para as missões que nos são confiadas neste mundo.

É preciso que, celebrando a festa da Epifania, nos deixemos guiar por estas estrelas para que também nós possamos em nossa vida encontrar o Salvador e colocar a seus pés aquilo que temos de mais precioso, a nossa própria vida.

Se por um lado nós somos guiados e conduzidos pela estrela, por outro, recebemos a missão de tornar-nos outras tantas estrelas que iluminem e guiem nossos irmãos à procura do Messias.

#### c) Outras festas de manifestação do Senhor

As outras festas da Manifestação do Senhor mereceriam também maiores considerações. Diremos algumas palavras apenas para que possamos viver em maior profundidade a espiritualidade de s t e tempo.

Na Festa do Batismo de Cristo se manifesta a missão messiânica de Cristo como Filho muito amado do Pai, como sacerdote, rei e profeta. O primeiro milagre nas Bodas de Caná é sinal de sua missão messiânica, de tal forma que os discípulos creram nele.

A apresentação do Senhor ao Templo manifesta-o como luz das nações. Jesus é o novo e verdadeiro Templo de Deus entre os homens. Sendo acolhido pelo Velho Simeão, também ele se transforma em Templo de Deus. Assim todos os homens são chamados a tornar-se templos de Deus na medida em que acolherem o Messias em suas vidas. A Festa da Apresentação de Jesus ao Templo nos lembra de que somos templos de Deus pela nossa vocação batismal e que devemos torná-lo cada vez mais belo, acolhendo Cristo em nossa vida.

Será de grande proveito ainda acompanhar as leituras bíblicas neste tempo, sobretudo as do Evangelho. Veremos que será um encontro com Cristo que se manifesta das mais diversas formas. Ele é apontado por João Batista, realiza seus primeiros milagres, faz curas, ensina como quem tem poder, chama os primeiros discípulos.

Lembro, por fim, que a piedade cristã contempla todos estes mistérios do ciclo de Natal na devoção do Rosário pelos mistérios gozosos. A Anunciação, a Visita de
Maria à sua prima Santa Isabel, o
Nascimento de Jesus em Belém, a
Apresentação ao Templo, o Encontro com Jesus no Templo disputando com os doutores. A devoção do Terço poderá muito bem
ser valorizada neste sentido.

### II. Questionário para eventual reflexão em grupo

- 1. O que significam Natal e Epifania em minha vida pessoal, na minha comunidade religiosa, na comunidade eclesial em que estou inserido?
- 2. Como poderemos continuar a fazer Cristo nascer entre os homens?
- 3. Quais as consequências desta afirmação: "A Liturgia não evoca apenas os mistérios de Cristo, mas vive-os no presente"?

### III. Celebração da Palavra de Deus

### 1. Acolhimento

Reunida a comunidade, entoa-se o canto: Vinde, cristãos (Cantos e Orações, n.º 360).

D: Um dia apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens.

- T: Demos graças a Deus!
- D: Cristo nasceu em Belém. Deseja nascer também em nossos corações por sua Palavra e pela manifestação de nossa caridade fraterna. Preparando-nos para ouvir o anúncio do nascimento do Messias como outrora os

pastores nas campinas de Belém, oremos uns instantes em silêncio. (Silêncio).

D: Ó Deus onipotente, agora que a nova luz do vosso Verbo Encarnado invade o nosso coração, fazei que manifestemos em ações o que brilha pela fé em nossas mentes. Por Cristo nosso Senhor.

T: Amém.

### 2. Leituras

Primeira Leitura: Is 52,7-10 (Missal Dominical Festivo, p. 43).

Tema: Os confins da terra verão a salvação de nosso Deus.

Comentarista: Do alto dos muros de Jerusalém restaurada o profeta contempla o cortejo de exilados voltando a Sião. A "boa nova"
lhes é anunciada. A verdadeira
"boa nova" de Deus é Jesus, seu
nascimento, sua vida terrestre, sua
paixão, morte e ressurreição. (Fazse a leitura).

Silêncio de meditação.

Pode seguir uma contribuição espontânea para edificação mútua.

### Aclamações:

Uma voz. Bem proclamado:

Um Menino nasceu para nós: um Filho nos foi dado.

O poder repousa nos seus ombros.

Ele será chamado "Mensageiro do Conselho de Deus".

Exulta, filha de Sião! Canta louvores, filha de Jerusalém! Eis que teu rei vem a ti: o santo, o Salvador do mundo.

Evangelho: Lc 2,8-20. (Pode ser dialogado)

D: Podemos meditar por alguns instantes sobre o Evangelho. Quais os sinais que encontraremos para encontrar o Messias? Os cristãos encontrarão em nós o Salvador? E a atitude dos pastores: Eles deixaram suas oferendas aos pés do Menino e voltaram aos seus afazeres glorificando a Deus. E nós? Qual a nossa reação diante do Salvador nascido em Belém? Deixamo-lo nascer apenas em Belém? Qual minha atitude diante do Salvador presente em minha irmã, no pobre, no marginalizado?

### 3. Resposta à Palavra

Canto: Nasceu-nos um menino (Cantos e Orações, n.º 362).

### Oração dos fiéis:

D: Irmãos, nesta celebração da manifestação da bondade de Deus, nosso Salvador, em que se manifestou o seu amor pelos homens, elevemos a Deus as nossas orações.

- 1. Para que a Igreja de Deus acolha com fidelidade e alegria aquele que a Virgem imaculada concebeu pela palavra e deu à luz de modo inefável, roguemos ao Senhor.
- 2. Para que nossos encontros e presentes de Natal sejam de fato a expressão do grande dom que o Pai enviou a este mundo, o Salvador, roguemos ao Senhor.
- 3. Pelos que padecem fome, doença ou solidão para que o mis-

PHON-

tério da manifestação de Cristo os reconforte na alma e no corpo, roguemos ao Senhor.

4. Pelas famílias de nossa paróquia, para que, acolhendo o Cristo, aprendam a recebê-lo nos po-

bres, roguemos ao Senhor.

5. Pelas alegrias, pela concórdia, por toda felicidade que sentimos neste Santo Natal, obrigado Senhor.

T: Nós vos agradecemos, Senhor. (Intenções livres)

D: Senhor, nosso Deus, fazei que as súplicas de vossos fiéis vos sejam agradáveis pela interces-

são da Virgem Maria, que mereceu trazer o Homem Deus em seu seio imaculado. Por Cristo, nosso Senhor.

T: Amém.

### Renovação do empenho:

Caso não seguir a Celebração Eucarística, a Comunhão ou a Bênção com o Santíssimo, o grupo renova sua adesão a Deus e aos irmãos no Espírito de Natal, prestando uma homenagem ao Menino Jesus no presépio, onde se poderá proferir a seguinte oração: (Missal Dominical Festivo, p. 494)

### Diante do presépio

Senhor, os anos voam depressa. Mais uma vez chegou o Natal. As coisas se repetem: presentes, sorrisos, troca de saudações, comida gostosa. A gente vive um ambiente diferente. Parece que de repente o mundo [ficou bom, os homens querem compreender-se, o mal fugiu da casa de nossa vida. Mas Natal, Senhor, não é somente [isso. Eu quero parar agora diante de teu [presépio. Fecho meus olhos e vejo sobre teu rosto o semblante de Aluísio, Raquel, Nélson e Madalena.

Tu, Senhor Jesus, tu és um dos nossos. Nosso coração não é mais solidão. Atrás de todos e de cada um dos rostos dos meus companheiros de cami-Inhada eu te contemplo. Minhas e nossas esperanças, minhas [e nossas angústias, meus e nossos sonhos foram vividos [por ti. Quando eu te contemplo no [presépio nasce dentro de mim uma espe-[rança sem limites. Eu creio no homem, porque tu, [Senhor Jesus, foste homem como todos os homens [da face da terra.

### 4. Conclusão do rito

Conclui-se com o canto: Noite feliz (Cantos e Orações n.º 359).

Irmãos, alegremo-nos todos no Senhor; hoje nasceu o Salvador

do mundo, desceu do céu a verdadeira paz!

E termina com a saudação da paz e eventual entrega de uma lembrança da celebração.

### Nos Séculos X-XI: No Ocidente

Também no Século XII encontramos diaconisas. Mas o que são estas diaconisas? São elas diaconisas no sentido das diaconisas do NT e da Igreja Primitiva?

Pedro Abelardo afirma que as santas mulheres, que tinham aderido ao colégio apostólico e que assistiram a Jesus, aos apóstolos e às viúvas pobres, foram feitas diaconisas antes da instituição dos sete diáconos. Depois dos apóstolos vêm as diaconisas. Pedro Abelardo para afirmar isso, se baseia nos Santos Padres, principalmente em Orígenes, Cassiodoro, Cláudio, Jerônimo, Epifânio.

O apóstolo, escreve ele, após falar dos bispos, une a eles os diáconos, e aos diáconos une a instituição das diaconisas: "As mulheres também sejam honestas" (1 Tim 3,11). Após falar que o bispo e o diácono devem ser homens de uma só mulher, o mesmo exige das mulheres diáconas (isto é: que sejam mulheres de um só homem).

Mas estas diaconisas, estas ministras, ainda existiam no tempo de Pedro Abelardo? Ele compara as monjas, a quem prega, com as santas

## A DIACONISA

Artigo II. Para o artigo I, ver **Convergência.** Julho/Agosto 1973, n.º 59/60, página 352

mulheres, que os sete diáconos dirigiam, às quais os sete foram prepostos. "Após os apóstolos, a vós por primeiro teve por diáconos". Parece, portanto, que todas as monjas são por ele vistas como diaconisas. Mas no fim do Sermo 31 ele parece compará-las (as monjas virgens) com Maria. Maria recebeu como diácono um apóstolo, que era João. Na sua carta a Heloísa descobrimos que a abadessa é chamada diaconisa. E no comentário à epístola aos romanos ele afirma que as diaconisas de antigamente, são as abadessas ou madres de hoje.

O que resta das diaconisas no tempo de Abelardo? Nada praticamente. As abadessas são diaconisas, isto é, recebem a ordenação de diaconisa? As outras monjas num sermão também são chamadas de diaconisas. O que são para ele as diaconisas do NT e da Igreja primitiva? Pedro Abelardo une as diaconisas ao diaconato. Elas existem já antes dos diáconos, logo após os apóstolos. Foram constituídas no ministério da Igreja. As diaconisas do NT parecem ser, portanto, em tudo iguais aos diáconos.

Felipe de Harveng (1183) afirma que as monjas não podem servir ao altar, não porque não sejam santas ou não tenham a ciência, mas porque a autoridade eclesiástica não admite o sexo feminino a confeccionar os sacramentos. Disto pode-se deduzir que as diaconisas abadessas existentes naquele tempo não serviam ao altar.

No Pontifical Romano do Século XII encontramos, além da bênção da abadessa e da viúva, que quer

entrar no mosteiro, uma missa para consagrar uma diaconisa. O conteúdo da consagração nos dá a entender que se trata de uma viúva que recebe o diaconato feminino, o qual lhe é transmitido pela imposição das mãos.

Será que no Século XII, em Roma, ainda se realizava a consagração de diaconisas? Ou será que este rito existe no Pontifical só para constar? A verdade é que no Século XI ainda encontramos três papas que concedem a três bispos de Portugal o direito de ordenar diaconisas. Note-se, era necessário pedir licença. Isto é um sinal que se queria restringir, dificultar a ordenação das mesmas. Quanto à Roma, nada se pode afirmar.

### No Oriente

As virgens que dedicavam a sua vida a Deus viviam sob a direção e proteção do bispo. Chegadas aos quarenta anos eram ordenadas diaconisas. Se uma diaconisa fosse ordenada antes, seria deposta, diz o canonista oriental do Século XII, Zonaras.

Existia ainda a diaconisa no Século XII em Constantinopla? Teodoro Balsamon (1140-1195), comentando o cânon 15 do Concílio de Calcedônia, que trata da idade das diaconisas e das penas a infligir às que foram infiéis, afirma que o presente cânon caiu completamente em desuso, pois a diaconisa não se ordena mais, embora certas ascetas abusivamente se digam diaconisas. E Teodoro Balsamon compreende a função da diaconisa no

sentido de função no altar, pois, diz ele, como pode ela exercer o ofício da diácona, se ela não se pode aproximar do altar? Mas porque foram elas afastadas do altar, quando antigamente tinham um lugar junto dele? E responde, por causa de suas menstruações. Mas ele afirma que as diaconisas de hoje, e são as que abusivamente usam este nome, dirigem a reunião das mulheres na igreja (1).

Irineu Doens afirma que no fim do Século XII havia na Hágia Sofia de Constantinopla diaconisas (2). Ora, Teodoro Balsamon diz que não havia. Como resolver o problema? Muito simplesmente. Distinguindo entre diaconisas e diaconisas. Para Irineu Doens as diaconisas têm a função de cuidar da ordem na galeria das mulheres. Para Teodoro Balsamon elas não são diaconisas no verdadeiro sentido, isto é, diaconisas do altar.

### Do Século XIII ao Concílio de Trento

Ainda no Pontifical de Guilherme Durando (1231-1296) encontramos um parágrafo sobre a ordenação da diaconisa. Mas existiam diaconisas no tempo de Guilherme Durando? Não. Ele mesmo explica que no seu tempo não se faziam mais diaconisas. Boaventura refere-se a cânones que provariam, segundo os montanistas, que antigamente as diaconisas recebiam a ordem. No Suplemento, é dos discípulos de Tomás, lê-se: Nos Decretos se faz menção delas. Igualmente Escoto e Durando de S. Ponciano. Quer dizer que para eles todos, as diaconisas são algo do passado. Também no Oriente, no tempo de Barhebreus (1225-1286), elas não mais existiam, a não ser em comunidades afastadas da Igreja (3).

### A mulher pode receber a ordem? Sim.

Mas estas diaconisas tinham recebido alguma participação na Ordem? Todos os quatro teólogos acima nomeados se ocupam do problema. Primeiramente dão os argumentos favoráveis: parece que a mulher é apta para receber a Ordem. Depois vão desfazer estes argumentos e dar a sua opinião que é contrária, isto é: a mulher não é apta para receber a Ordem. Vejamos primeiro os argumentos favoráveis. Ela é apta:

- 1. Débora (Juízes 4,4) julgou e presidiu Israel. Portanto, parece que à mulher compete o poder judicial, maximamente quando plena de graça. Logo, também o poder sacerdotal.
- 2. A certas abadessas é dado o poder de dirigir comunidades. Logo, parece que lhes convém também o poder de absolver. Pela mesma razão parece que se lhes possa conferir a Ordem.
- 3. A Ordem visa a alma, que não tem sexo e não o corpo da pessoa.
- 4. Não há maior perfeição que o estado religioso, nem maior fortaleza que o martírio. Ora, as mulheres são admitidas aos dois estados. Logo, podem e devem ser admitidas também ao sacerdócio.
- 5. A profecia como ofício é maior que o sacerdócio. Ora, vemos

que nos Reis (22,14) à mulher é concedido o dom da profecia. Logo, também lhe convém o sacerdócio.

6. Em Cristo não há diferença entre o homem e mulher (Gál 3,20). Logo, também a ela pertence o sacerdócio.

### A mulher pode receber a ordem? Não.

Agora vamos ver então a refutação destes argumentos. Os teólogos nos vão dizer porque a mulher não pode participar do sacramento da Ordem. Ela não só são deve, porque existe uma lei positiva eclesiástica, mas nem mesmo pode ontologicamente. Ela é exclusa por direito divino da Ordem.

É opinião comum, segundo Boaventura, de que as mulheres não podem receber as ordens sagradas, porque o cânon 25 diz que é proibido às mulheres e às monjas tocar os vasos sagrados e as palas e incensar ao redor do altar (Papa Sotero). Se todos estão de acordo que não devem ser ordenadas (porque existe uma proibição eclesiástica), duvidam se o podem ao menos por direito divino.

Para ordenar diaconisas e presbíteras, os montanistas se apoiavam justamente nos cânones, que mostram, segundo eles, que antigamente as mulheres recebiam a Ordem. Assim a distinção 27 se refere a diaconisas roubadas ou solicitadas. A distinção 32 nomeia a presbítera e mostra que as presbíteras eram viúvas, as mais velhas e as matronas. Disto se deduz que as diaconisas eram as que com os diáconos liam a homília e às quais se dava a bênção. Por isso, se deve crer que elas fossem promovidas às ordens sagradas.

Mas para Boaventura é mais prudente a opinião dos doutores, que ele não nomeia, que dizem que não deve e nem pode. Pois Cristo mediador, enquanto homem. Por isso só o homem pode significar o Cristo mediador. Esta posição é provada pela autoridade de muitos santos, diz ele. A mulher não pode ser ordenada porque não pode representar o Cristo cabeça pois ela não pode ser a cabeça do homem, embora possa ter poder temporal. É o caso de Débora que teve um poder temporal e não um poder sacerdotal.

As abadessas têm uma jurisdição, mas não ordinária, quer dizer, não podem ordinariamente absolver ou ligar. Por isso, não tem ofício de Ordem alguma.

Dizer que a Ordem sacerdotal visa somente a alma (quanto a esta o sexo masculino e feminino são iguais e por isso ela pode receber a Ordem), não vale, porque de fato a Ordem visa a alma encarnada (também o corpo, portanto). Para o Suplemento, a fim de que haja sacramento, é necessário não só a coisa (res), mas também a significação da coisa, que a mulher não tem, um grau de eminência. Escoto dirá que é verdade que em Cristo não há diferença entre o homem e a mulher (Gál 3,8), mas isto só quanto à graça e à glória; quanto ao grau de excelência há diferença. Conforme Durando de S. Ponciane, pela ordenação alguém é colocado sobre os não-ordenados, mas isto não compete às mulheres, pois o seu estado é de submissão, por causa da fraqueza do corpo e da imperfeição da razão.

O mesmo se deve dizer sobre a perfeição e o martírio, que é algo de mais interior e que convém aos dois (a mulher pode ser mais santa que o homem), mas a Ordem compete tanto ao interior como ao exterior, portanto, só ao homem.

Para o Suplemento, efetuando sobre a mulher todas as cerimônias necessárias ao homem para receber a Ordem, ela não recebe a Ordem, pois o grau da mulher é um grau de submissão.

A mulher pode receber a profecia, pois esta não é sacramento, mas graça de Deus. E nesta se exige só a significação e não a coisa. A mulher é incapaz, porque a Santa Sé diz que todo o ministério da mulher é cheio de vitupério e porque 1 Cor 11 diz que é feio para a mulher cortar os cabelos. Logo, não pode receber a tonsura clerical.

Duns Escoto dirá que o sexo feminino não poderá receber o sacerdócio, porque Paulo diz que a mulher não pode ensinar na Igreja (1 Tim 2, 12). Por que ele o proibiu? Porque também Cristo o proibiu. À mulher não se permite, contudo isto só após a queda, ter um grau eminente na espécie humana. No Gênesis se lê: "Tu estarás sob o seu domínio" (3,6). Para Escoto, esta seria uma razão natural que confirmaria as palavras de S. Paulo em 1 Cor 14,34.

Durando de S. Ponciano faz o seguinte raciocínio. S. Paulo nos transmitiu o que recebeu do Senhor. No entanto ele ensina que às mulheres não devem ser ordenadas, nem ensinar, o que é só permitido aos que têm a Ordem. Esta ordem não é só dos apóstolos, mas de Cristo, porque se Cristo tivesse dado a Ordem ao sexo feminino, os apóstolos não poderiam tirá-la sem prejudicá-las. Logo, por mandamento de Cristo, elas não podem ser ordenadas, por necessidade de sacramento, isto é, o sacramento exige que seja homem.

O impedimento para receber o sacerdócio pode ser que o oposto seja de necessidade-sacramento ou de necessidade-preceito ou de conveniência. As mulheres não podem receber a Ordem porque o sexo masculino é de necessidade-sacramento, pois Cristo só ordenou homens na ceia (Lc 22,19) e após a ressurreição concedeu só aos apóstolos o poder de remeter o pecado (Jo 20,22). Nem sua mãe, a mais santa de todos os homens, foi promovida a algum grau da Ordem.

Para Rogério Juvenis, agostiniano, na sua intervenção conciliar de
12 de dezembro de 1551, dizer que
houve mulheres presbíteras é absurdo e ímpio, pois elas foram excluídas das coisas sagradas. Antônio
Uglioa, franciscano da observância,
no dia 19 de dezembro, afirmava
que as diaconisas não devem ser
enumeradas na ordem do diaconato,
porque não recebem a imposição
das mãos.

Presbíteras são as viúvas, as anciãs e as matronas (Boaventura). São viúvas, porque presbítero é o mesmo que ancião, Suplemento. Duns Escoto distingue entre a Igreja grega e latina. Entre os gregos a presbítera é a esposa do presbítero. Entre os latinos ela é a viúva, ou a mulher virtuosa que preside às demais ou também à abadessa. Para Durando de S. Porciano, ela é a viúva que cuida das coisas da Igreja de Deus.

Diaconisa lia com os diáconos a homília · (Boaventura), na Igreja (Suplemento), por ordem da abadessa. Aqui se trata da homília das matinas, segundo Escoto, mas ela não lê o evangelho na missa, nem ministra ao altar durante a missa, Porciano. Ela era abadessa ou prioressa, que presidia às viúvas (A. Uglioa). Ela é diaconisa, não pela Ordem do diaconato (Porciano), mas pela bênção (Boaventura). Ela não recebe a imposição das mãos (A. Uglioa). Tomás comentando 1 Tim 3,11: as mulheres sejam igualmente honestas, diz que elas eram as mulheres dos diáconos. Quanto à Febe ele a compara com as piedosas mulheres que serviam a Jesus (Lc 8,2-3) e com a viúva da qual fala Paulo em 1 Tim 5,9, mas sem usar a palavra diácona. Cajetano, comentando Rom 16,1 assevera que Febe era ministra, isto é, ocupavase da hospitalidade dos santos e distribuía esmolas. Quanto a 1 Tim 3,11 afirma que se tratava, sem dúvida, das mulheres dos bispos e dos diáconos, já que das outras mulheres se tratou anteriormente. Igualmente P. Lombardo as tem por esposas dos diáconos.

### Resumindo

Quanto à existência de diaconisas no NT deve-se afirmar que elas existem. Mas o que são elas? Esposas dos diáconos? É claro que estas existiram de fato. Mas diaconisas com serviço dos pobres existiram? Parece que sim. Diaconisas com funções no altar? Bem, não é possível afirmá-lo. Existe sim um colégio de viúvas a serviço da Igreja.

Na Igreja primitiva encontramos também um grupo de diaconisas. Parece que se deve dizer que em certo tempo e talvez num só determinado lugar, a diaconisa foi considerada fazendo parte do clero e participando no sacramento da Ordem, pois recebia uma verdadeira ordenação. Mas a Igreja, fiel ao Espírito Santo, sabe adaptar-se às necessidades dos tempos e a diaconisa foi desligada do sacramento da Ordem. Ela desapareceu.

Teve funções importantes no passado, principalmente em relação às mulheres, como visitar e impor as mãos aos doentes do seu sexo; cuidar dos pobres e dos órfãos; vigiar as portas da Igreja, por onde entravam as mulheres e manter a ordem na assembléia; fazer a unção das mulheres no batismo; fazer de intermediária entre as mulheres e o bispo e o diácono; levar a comunhão para as mulheres doentes; distribuir a comunhão às crianças e às mulheres na falta de presbítero ou diácono; preparar os catecúmenos; cuidar do enterro dos mortos; cuidar da limpeza das lâmpadas e mantêlas acesas; andar pelas casas ensinando as mulheres e as jovens.

Entre os nestorianos ela fazia de leitor. Entre os montanistas as diaconisas entram no santuário; fazem preces públicas; dão a comunhão às monjas; lêem a epístola e o evangelho; incensam; misturam vinho e água no cálice, com licença do bispo. Vimos a reação contra as diaconisas. Mulher não deve tocar os vasos sagrados, nem aproximarse do altar. Na França se diz que não se devem mais ordenar diaconisas. Parece que os motivos são a heresia, a incontinência. Mas apesar disso ela sobreviveu ainda durante muito tempo. Encontramo-la ainda em Roma no Século IX.

No período, Séculos X-XII, diaconisa tornou-se para muitas um título honorífico, que levavam as matronas veneráveis e abadessas. Retoricamente se chamavam também todas as monjas de diaconisas. Parece que as abadessas recebiam, ao menos muitas delas, a ordenação de diácona. Se o diaconato é ou não sacramento, parece que os escritores desta época não se colocaram o problema. No Oriente elas não recebem mais a ordenação, mas existem mulheres diaconisas que dirigem a assembléia das mulheres. No Século XIII não encontramos mais indícios da existência das mesmas. Existem só em comunidades afastadas da Igreja. Os escolásticos sabem da existência delas no passado. Mas, segundo eles, não tinham nenhuma função no altar, em relação à Eucaristia. Logo, elas não participam, nem podem participar no sacramento da Ordem. Algumas provas bíblicas (segundo exegetas modernos, de valor duvidoso) são suficientes para sacramentar a exclusão por direito divino. Para eles a diaconisa lia com o diácono a homília das matinas, mas não o evangelho na missa, nem ministrava ao altar. Diaconisas são as abadessas ou prioressas. As mulheres de 1 Tim 3,11 são as mulheres dos diáconos.

### As diaconisas hoje

Várias tentativas foram feitas para reintroduzir as diaconisas novamente. Na Rússia, na Grécia, entre os protestantes. Assim na Rússia, em 1840, o arquimandrita Makarrij Glukahrev dá esta sugestão ao metropolita Filaret de Moscou, mas o santo sínodo não a aceitou. Em 1860 o padre A. Gumilevski quis fundar uma congregação de diaconisas em união com o convento das irmãs de Petrosburgo, mas o convento rejeitou a idéia. Em 1906, nas normas para a renovação das comunidades paroquiais também são previstas diaconisas.

- 1) Elas são servas de Cristo e para isso recebem a ordenação.
- Pertencem ao clero e traba lham nas paróquias.
- Ocupam-se em primeiro lugar na manutenção da igreja e dos paramentos sacros.
- 4) Durante as funções elas cuidam da ordem junto das mulheres e das crianças; preparam as crianças para a primeira comunhão e assistem ao batismo das mulheres.
- 5) O catecismo é uma parte significativa do seu ofício.
- 6) Auxiliam o clero e o conselho paroquial nas obras caritativas; ocupam-se da educação dos órfãos;

visitam os doentes e esmolam para as igrejas.

- 7) Em casa devem rezar, ler livros ascéticos e de santos e assistir a todas as funções litúrgicas.
- 8) Comungar, devem ao menos quatro vezes por ano e viver segundo a sua vocação.
- 9) Seu hábito deve ser modesto e ser semelhante ao das monjas.
- 10) Idade canônica: 40 anos; são ordenadas pelo bispo pela imposição da estola. As que não têm a idade podem ser agregadas por uma bênção do pároco.
- 11) Suas funções não são remuneradas, mas na velhice ou em caso de doença têm direito à ajuda e à manutenção por parte da paróquia. Estas normas são tiradas das antigas fontes do direito eclesiástico e inspiradas nas liturgias orientais (4).

Desde 21 de novembro de 1957, existe na Grécia uma escola superior para diaconisas-assistentes sociais da Igreja grega. As alunas são moças, que possuem o diploma da Faculdade Teológica de Atenas ou Salônica. Devem ter ao menos 30 anos e devem querer dedicar-se ao trabalho social nas paróquias, principalmente nas grandes cidades. As primeiras diaconisas foram formadas no exterior nas escolas protestantes correspondentes. Elas não mais recebem a ordenação que estava em uso na antiga Igreja bizantina. Se em 1961 eram 15, hoje são menos ainda, porque as paróquias não as pedem: questão financeira (5).

# Algumas considerações para o hoje

Se é verdade que, ao menos num determinado lugar, a diaconisa foi considerada como fazendo parte do clero e participando no sacramento da Ordem, que recebia uma verdadeira ordenação, que a Igreja desligou a diaconisa do sacramento da Ordem por motivos de heresia, de continência e pela falta do batismo de mulheres adultas, então é de perguntar-se se não seria novamente oportuno que a Igreja ligasse certas funções, hoje exercidas pelas nulheres ao serviço da Igreja, ao sacramento da Ordem?

No momento em que os padres diminuem, em que a emancipação da mulher avança, não são estes sinais de Deus para que a Igreja aceite alegremente como já o fez no passado, a colaboração da mulher? Aliás, ela já o faz de um modo com as catequistas, com as freiras que trabalham na pastoral, com as sacristãs, com as piedosas senhoras que visitam as doentes, que levam a comunhão para as doentes nos hospitais, as secretárias de paróquia, as dedicadas aos serviços da CRB e da CNBB, e no Nordeste de nosso Brasil temos as freiras vigárias, que dirigem paróquias, que presidem a oração litúrgica sem padre e que distribuem a comunhão.

Elas realizam funções diaconais.
Ora, no n.º 29 da Lumen Gentium
se lê que as funções diaconais são
sumamente necessárias à vida da
Igreja, e uma vez que elas dificilmente poderão ser exercidas na
Igreja latina de hoje, o diaconato

masculino poderá ser restituído em futuro como próprio e permanente. Ora se isto vale para os homens por que não valeria também para as mulheres? As freiras vigárias do Nordeste do Brasil realizam o seu ofício sem bênção, sem ordenação. Por que não dar a estas mulheres uma participação no sacramento da Ordem? E por que não o diaconato? Contanto que se trate de um serviço, na Igreja, assunto como vocação estável.

A história nos mostra que a Igreja sempre procurou dar às pessoas que assumiam um serviço na Igreja de maneira estável uma bênção, uma consagração. Assim as ordens menores, não eram funções que os outros, os leigos não pudessem fazer ou melhor os que não tinham recebido a ordenação. As diaconisas eram ordenadas, ao menos recebiam uma bênção. Esta é a linha da história da Igreja.

Alguém poderia dizer, mas para que? O que poderiam elas fazer a mais do que já estão fazendo? É a mentalidade dos poderes tão difusa mesmo entre os que se dizem para frente! Mas o sacramento não dá só poder, mas também é graça e compromisso. Cremos na graça, na sua necessidade? Cremos que o sacramento nos traz uma especial configuração com Cristo? E depois, ser oficialmente encarregado pela Igreja de uma determinada missão tem uma enorme repercussão sobre a pessoa que a recebe e a comunidade dos crentes. E este fator é importantíssimo. A nossa Igreja, por pensar talvez demasiadamente em poderes, está sem oficiais, sem suboficiais. É uma Igreja masculina. No entanto, na Igreja primitiva não era assim. Será que podemos esperar, como alguns, as primeiras diaconisas para o ano dois mil?

Algum leitor poderá observar que há provas bíblicas contra a ordenação da mulher, contra a sua participação na Ordem em qualquer grau e isto por direito divino segundo os escolásticos. Certo, Cristo e os apóstolos não escolheram nenhuma mulher para o sacerdócio, seria isto um argumento decisivo contra o diaconato sacramental da mulher?

Haye van den Meer, responde que se pode muito bem explicar pela situação social da mulher naquele tempo. Esta exclusão também nada diz sobre os tempos futuros, onde a situação da mulher pode mudar. Também não se pode argumentar que na última ceia, quando foi instituído o sacerdócio não havia mulheres. Este "fazei isto em memória de mim" inclui também o comungar? Se foi dito só aos Doze, como sabemos que também as mulheres podem comungar? Se foi dito só aos onze "ide e batizai", como sabemos que também as mulheres podem batizar validamente? E assim van den Meer acaba com todas estas objeções.

Não seriam as passagens 1 Cor 11; 1 Cor 14 e 1 Tim 2 uma prova que as mulheres estão excluídas para sempre do sacerdócio e do diaconato?

Van den Meer responde que não. Note-se que o autor se refere só ao sacerdócio diretamente. Como sabemos que este calar na assem-

bléia, não ensinar, não são, como muitas normas de Paulo, temporais, isto é, para aquele tempo, para aquela situação? Paulo proíbe ordenar bígamos; hoje a Igreja dirá que estas ordenações são válidas, mas a ordenação de uma mulher seria inválida. Aonde se repreendem presbíteros diante de todos? (1 Tim 5, 20). E que bispo escreverá ainda hoje aos escravos que sejam subimissos aos seus patrões? (1 Tim 6, 1). O nosso autor continua mostrando que na história temos também muitas proibições que hoje não se aceitam mais.

Assim Cipriano descreve a ordem de sua comunidade: Capítulo 44: não ir ao juiz pagão; 46: a mulher deve silenciar; 48: não cobrar juros; 72: escravos devem servir ainda melhor a seu patrão; 78: não se deve falar com os heréticos. Todas estas normas já caíram. Por que

- (1) FORGET, M., Diaconesses, em DTh C 4,967): elas ainda existem, mas não são diaconisas verdadeiras, pois não recebem ordenação, nem se aproximam do aitar.
- (2) DOENS, I., Der Diakonat in den grischischen und slawischen Kirchen, em Diaconia in Christo, über die Erneuerung des Diakonates, herausgegeben von Karl Rahner u. Herbert Vorgrimmier, em Quaetlones Disputatae 15/16, Ereiburg-Basel-Wien, Herder, 1962, (citação: Diaconia) 145, nota 25: "Ende des 12. Jahrhundert swaren Diakonissen in der Hagia Sophia noch mit dem Ordnungsdienst auf dem gy-

aquela que diz respeito à mulher não poderia também cair? E assim van den Meer chega à conclusão que não existe uma prova definitiva bíblica que exclua a mulher do sacerdócio, como não há nenhuma declaração definitiva do magistério a respeito (6). Eu direi consequentemente que não há prova bíblica ou declaração definitiva do Magistério que exclua a mulher do diaconato sacramental.

René Laurentin, num artigo publicado pela Famiglia Cristiana, 1969, sobre o sacerdócio da mulher, fala do seu espanto diante da fraqueza dos argumentos bíblicos e não-bíblicos que querem excluir a mulher da Ordem. Ele pensa que o primeiro passo da mulher para o sacerdócio seria a sua promoção para as ordens menores. Hoje, ele falaria em ministérios. Pensa que até o ano 2000 teremos as primeiras diaconisas. Oxalá.

- naikonitis (der oberen Frauengalerie) betraut".
- (3) KERKVOORDE, A., Die Theologie des Diakonates, em Diaconia, 240: "... in den Tagen des Barhebraeus bestanden sie nicht mehr oder lebten in Gemeinschaften, die von den Kirchen abgesondert waren".
- (4) DOENS, I., Der Diakonat in den grieschischen u. slawischen Kirchen, em Diaconia, 165-166.
- (5) idem, 145-146.
- (6) VAN DEN MEER H., Priestertum der Frau? em Quaestiones Disputatae, 42, Freiburg, Herder 1969, 15-20.

De 2 a 4 de outubro, realizou-se em Goiânia, Goiás, a Assembléia Regional Anual da CRB. Participaram Superiores Maiores e representantes de núcleos diocesanos. Da CRB-Nacional esteve presente o Secretário Executivo, Frei Constâncio Nogara. O programa teve por base o resultado de um questionário aplicado em todas as comunidades religiosas da Regional: Vida Religiosa e Igreja Particular. Sobre os dados recolhidos os participantes refletiram e analisaram o tipo de vida religiosa existente na Regional e o engajamento dos Religiosos e das Religiosas na pastoral da Igreja Particular. O resultado da pesquisa o publicaremos proximamente. Na ocasião foi apresentado à Assembléia, o Relatório que segue.

### Assembléia Regional

Como primeira atividade apresentamos a III Assembléia Regional. Contou ela com uma participação ativa e interessada de umas 40 pessoas, incluindo os membros da Diretoria, do executivo, representantes de dioceses, de diversas Congregações e o Secretário Executivo da CRB-Nacional, Fr. Constâncio Nogara.

Sentiu-se grande preocupação em se conhecer mais e melhor a nossa realidade sob o prisma da VR e sua inserção no aqui e agora. Estudamos a VR hoje, enfrentamos o fenômeno das pequenas comunidades, o planejamento para o próximo ano. Surgiram muitas sugestões consideradas ótimas.

### Juniorato Intercongregacional

Ponto alto da Vida da CRB-Goiânia, foi, sem dúvida, neste exercício, o Juniorato. Fundado pe-

# C R B: REGIONAL DE GOIÂNIA

la CRB, orientado pela CRB, mas entregue aos próprios formadores e aos Juniores das diversas Congregações. Constituiu-se uma equipe de formação. Queremos assinalar que atualmente os homens estão participando dessa atividade.

O programa foi elaborado e é conduzido pelas partes interessadas. Pensamos ter valido a pena tal trabalho dos formadores. Há duas reuniões mensais dos Juniores com os Mestres e um orientador especial. Além disso os mestres e formadores têm sua reunião mensal. Pretendem, e já começaram a fazer, enfrentar o problema vocacional e de formação simultaneamente.

# Tarde de reflexão para religiosas

Essas atividades mensais da CRB-Goiânia durou até o fim de 1972. Com altos e baixos durou até essa época. Então a atividade foi entregue a uma equipe para estudá-la e estruturá-la! Após consultas e estudos a equipe julgou não haver condições de continuar. Era mais carga que serviço. Em vez dessas tardes de presença minguada e incerta julgou-se melhor convidar os interessados para as manhãs de oração que D. Antônio realiza aos 3.08 domingos no Instituto N. Sra. da Assunção com grande fruto e boa participação.

### Reuniões da Diretoria

A Diretoria da CRB-Goiânia reuniu-se regularmente uma vez por mês em clima de oração e trabalho. Tentou dar resposta aos problemas levantados e realizar sua missão de promover e animar a VR. Reune-se toda 2.ª quinta-feira no Instituto N. Sra. da Assunção, às 14 hs.

### Retiros e Encontros

Embora não diretamente promovidos pela CRB-Goiânia vem ao caso lembrar os encontros de Miracema pregados por D. Fernando. Foram muito importantes como marco no surgimento de uma nova consciência de união e entrosamento. De um participaram 40 religiosos e seculares e de outro, 25 religiosas.

### Retiros Intercongregacionais

Em Goiânia, de 12 a 19 de dezembro, realizou-se um retiro intercongregacional, "Experiência de Oração", orientado pelo Pe. Artur Losada, SJ, com a participação de 31 religiosos (número limite). Pelos depoimentos recebidos a experiência foi muito apreciada.

Em Miracema, de 6 a 9 de julho, retiro espiritual para as religiosas do Norte do Estado. Foram 18 as participantes sob a orientação do Pe. Faliero Bonci que veio do Rio de Janeiro. As participantes ficaram muito entusiasmadas com a vivência desses dias de oração e caridade. Ficou uma pergunta: Por que tão poucas?

Em Goiânia, de 12 a 16 do mesmo mês realizou-se o retiro pregado pelo Pe. João Batista Libânio. Participação: 39 religiosas, sendo que de uma Congregação havia 22.

Neste ano está previsto mais um retiro para homens e mulheres de 12 a 16 de dezembro. As inscrições estão abertas. Pregador será o Pe. Carloni, da equipe de Itaici.

# Encontro de Coordenadores de Comunidades domésticas

Com o desejo de um trabalho de reflexão, aprofundamento e estudo de realidades comuns pensouse nesse encontro. Realizou-se de 15 a 19 de agosto no CTL de Goiânia sob a orientação do Pe. Maurilo Sampaio. Estiveram presentes 16 Coordenadores, 1 homem e 15 mulheres. A nota constante dos reencontros do ano não faltou: entusiasmo dos participantes, não obstante o seu pequeno número.

# Curso de atualização teológica: Norte

Orientado pelo Pe. Faliero Bonci e Ir. Nilza Junqueira teve lugar em Miracema, de 9 a 13 de julho, com a presença de 22 religiosas.

Cursos de Teologia da VR. Estão previstos 2 cursos, um para Goiânia, outro para a diocese de Jataí, ambos de âmbito regional. O orientador será o Pe. Maucir Gibin.

O curso de oração e formação litúrgica que seria dado em Goiás por Fr. Eliseu ficou transferido para outra oportunidade, devido ao acúmulo de tais atividades na região.

Por razão diferente adiamos também o encontro vocacional previsto para os dias 10 a 12 de setembro. À primeira carta responderam 3 pessoas; a uma segunda, 4 ou 5. Julgou-se melhor dar um tempo para que a equipe de formação se prepare e assuma tal encontro, e o encontro seja o ponto de partida de uma verdadeira e atualizada Pastoral Vovacional.

### Reflexão

De acordo com a decisão da Assembléia e também com as recomendações do Encontro de Presidentes e Secretários das Regionais com a Equipe Nacional tentamos formar a equipe de reflexão. Ainda está caminhando com passos difíceis e incertos! Apenas se pode dizer que não é fácil em Goiânia manter uma equipe permanente de reflexão! Continuaremos tentando. Agora, nesse terreno da reflexão conjunta parece ter caminhado bastante a equipe de formação.

### Levantamento da realidade

Enviamos a todas as comunidades de Goiás um questionário sobre VR e Igreja Particular. Ao todo 250. Recebemos 50 respostas, o suficiente para uma boa pesquisa. Bem, o resultado desse trabalho devidamente tabulado e analisado estará nas mãos de todos os participantes da Assembléia.

### Correspondência

Nesse período enviamos às comunidades 771 impressos diversos, 2.260 exemplares do Vínculo, 2.146 correspondências de várias espécies. Colocamos toda a cota de livros recebida do Nacional.

### Nucleação

Por último o trabalho em que gastamos mais tempo e dinheiro além da Secretaria. Fez-se um esforço para fazer descer a Regional até as bases. Por ocasião dos encontros de dezembro em Miracema o Secretário Executivo estabeleceu os primeiros contatos nesse sentido. Formou-se uma equipe para iniciar os trabalhos na região Norte, tendo como ponto de apoio Miracema. Além disso foram visitadas diversas comunidades das dioceses de Porto, Miracema, Tocantinópolis e Cristalândia.

A Secretária Adjunta esteve em Goiás, Porto e Itumbiara. No mês de abril foram dados os primeiros passos para a criação do núcleo de Goiânia aproveitando-se da reunião mensal das religiosas. Há agora uma equipe de coordenação em funcionamento.

Na Semana Santa, Itumbiara. No dia 22 de maio demos passos mais concretos com a presença de quase todos os religiosos e de representações de religiosas. Formou-se uma equipe provisória para cuidar da criação do núcleo diocesano.

Após Itumbiara, Rubiataba. Aí os religiosos já têm encontros periódicos. Mais do que criar um núcleo trata-se de afirmar um pouce mais a mensagem da promoção e animação da Vida Religiosa. No mês de junho fez-se uma visita a S. Luís dos Montes Belos.

No mês de julho, novamente Miracema. Após estudo e maior contato com a realidade vê-se a impossibilidade de se formar apenas um núcleo no Norte. Daí partir-se para a formação de núcleos diocesanos. O trabalho é intensificado em Miracema e em Porto Nacional.

Finalmente, no mês de setembro, estivemos em Jataí e durante a Assembléia diocesana são lançadas as bases para a criação do núcleo. Nesta como em quase todas as outras dioceses foram lançadas as bases para os futuros núcleos. Não há ainda núcleos constituídos. Há passos a serem dados antes de sua formalização. É semeadura, é esperança.

Isto é uma rápida visão do que foi e do que deixou de ser a CRB-Goiânia no que tange às atividades em âmbito regional. Pensamos ter visto andar a CRB-Goiânia no serviço de promoção e animação da VR no Centro-Oeste. Pensamos que existe mais conhecimento, mais entrosamento, menos preconceito, mais compreensão, muito de boavontade, desejo de crescimento dos religiosos. No entanto muito resta a fazer no campo da abertura, do conhecimento, da participação, da sustentação.

Concluímos com algumas perguntas. Neste ano, a CRB-Goiânia respondeu de alguma forma, ainda que precária, às urgências e necessidades da VR nessa região?

O que se fez foi o urgente, o importante e o necessário?

Era este o apelo de Deus?

Era esta a resposta aos sinais dos tempos?

Respondeu aos desejos e necessidades dos religiosos?

# DOCUMENTANDO

### A PRESENÇA INSUBSTITUÍVEL DOS RELIGIOSOS DA IGREJA

De 23 a 26 de maio de 1973, a Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares organizaram, em Roma, um encontro dos Superiores Gerais de Ordens, Congregações e Institutos Religiosos. Além de 84 Superiores Gerais tomaram parte aiuda na mesma reunião 33 vigários e 9 peritos de 18 nacionalidades diferentes. Foram examinados quatro temas fundamentais: a atitude dos jovens perante a vida religiosa; causas que dificultam o desenvolvimento e a maturação das vocações no período de formação; relações entre a Sagrada Congregação e os Institutos Religiosos ou Seculares; pastoral das vocações. Todos os participantes das reuniões foram recebidos pelo Papa Paulo VI, na manhã do dia 25, estando acompanhados pelo Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, Cardeal Ildebrando Antoniutti que dirigiu algumas palavras de saudação a Paulo VI, o qual respondeu, em latim, conforme o texto que segue, na tradução de CONVERGENCIA.

Veneráveis Irmãos e queridos filhos:

Saudamos cordialmente todos vós que vos reunistes, por iniciativa da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares e com a Presidência de seu digno Cardeal-Prefeito, para tratar importantes temas relacionados com a vida consagrada a Deus.

Ao ver aqui presentes os Superiores Gerais de tantas famílias re-

ligiosas, cujos membros estão espalhados pelo mundo inteiro e ao considerar a vossa atividade que também se estende por toda a terra, sentimo-nos obrigado a conceder uma importância eclesial à vossa assembléia e ao nosso encontro convosco.

Como sabeis, faz dez anos que escrevemos a exortação apostólica Evangelica Testificatio, na qual instruíamos os Institutos Religiosos sobre a renovação de sua vida de

acordo com as orientações do II Concílio Vaticano. Agora confirmamos e continuamos as nossas reflexões, dizendo-vos algumas coisas que nos são sugeridas pela paterna solicitude que experimentamos pelos vossos Institutos.

# O caráter carismático da vida religiosa

O II Concílio do Vaticano esclareceu que a vida religiosa tem um caráter carismático, afirmando que os conselhos evangélicos são um "dom divino que a Igreja recebeu do Senhor", Lumen Gentium n.º 43. Por meio deste dom ou carisma, em razão de sua própria natureza, os religiosos estão "associados de um modo especial à Igreja e ao seu ministério" ibidem, n.º 44. Consequentemente, eles dependem, através de um vínculo íntimo e muito estreito, da autoridade da Igreja, a qual aprova autenticamente as suas regras, recebe os votos dos que fazem a profissão religiosa e eleva esta mesma profissão à dignidade de um estado canônico (Lumen Gentium n.º 45), tornando os religiosos partícipes da missão salvífica que ela deve cumprir, pois o esforço que os religiosos envidam para obter a santidade redunda em benefício e fruto espiritual para todos os homens.

Eles, "uma vez que a sua oblação foi recebida pela Igreja, devem considerar-se consagrados ao serviço dela", Perfectae Caritatis, n.º 5. O Espírito Santo, dador de carismas e animador da Igreja faz com que a inspiração carismática e a organização jurídica da Igreja se harmonizem entre si, principalmente porque, como ensinou o Concílio, é da competência dos pastores "julgar a natureza autêntica e o exercício ordenado dos carismas, não com a finalidade de extinguir a ação do Espírito Santo, mas para que experimentem tudo e retenham o que é bom", Apostolicam Actuositatem, n.º 3.

Desejamos repetir, nesta reunião, que a Igreja não pode prescindir dos religiosos, quer dizer, destas testemunhas do amor com que Jesus Cristo ama os homens e que transcende a natureza; e que nem sequer o mundo se pode ver privado, sem detrimento próprio, dessa luz, Evangelica Testificatio, n.º 3. Por isso, a Igreja mostra aos religiosos a sua profunda estima, abraça-os com amor constante, mantém-se junto deles e dirige-os pelo caminho justo, S1 26, 11.

# A autêntica renovação conciliar

Ela espera muito dos religiosos, mediante os quais deve "aumentar a sua perfeição e santidade, que só podem vir da imitação de Jesus Cristo e da união mística com ele" (Alocução aos Padres Conciliares, 26 de setembro 1966). A Igreja convidou os religiosos a uma renovação, sobretudo espiritual, por meio do magistério do Concílio Ecumênico, que possui suma autoridade. Sabemos que são muitos aqueles que se esforçam e por corresponder a esta grande expectativa. Mas devemos reconhecer que alguns não ouviram esta voz tão clara, ou a interpretaram de forma menos conveniente.

Por isso permiti que nos exortemos novamente sobre esta obrigação da renovação espiritual, à qual "se há de dar sempre preferência, até mesmo na realização de atividades exteriores", Perfectae Caritatis, n.º 2. Nas fontes da graça batismal e do carisma próprio de cada um dos vossos Institutos deveis buscar novas águas, que nutram com abundantes forças a vida consagrada.

Permiti-nos agora, que passemos a falar de um peculiar acontecimento eclesial, que é, a nosso ver, de grande interesse para os religiosos. Com efeito, como sabeis, proclamamos o Jubileu Universal que deve ser eclebrado primeiramente nas Igrejas locais e, depois, nesta cidade de Roma. Dado que o Ano Santo tem por finalidade a renovação interior, denominada conversão ou metânoia ou penitência, a Igreja confia muito na colaboração dos religiosos. Portanto, é vossa tarefa, diletos Superiores Gerais, fazer com que as Famílias Religiosas a que presidis apóiem e fomentem as diretrizes do mesmo Jubileu, principalmente cooperando com a jerarquia, a fim de que se realize a mencionada renovação dos espíritos, por meio da qual não só a vida privada mas também os costumes públicos se conformem com os preceitos cristãos.

Neste tempo sagrado, os religiosos devem ter ocasião para pensar mais uma vez na sua oblação a Deus e no seu modo e forma de vida, ou seja, devem sentir-se movidos a comparar a sua atitude com o II Concílio do Vaticano e a exortação apostólica Evangelica Testi-

ficatio pedem deles, para ver se nas relações humanas tornam presente o salvador de modo quase evidente.

Mas, para que este testemunho dos religiosos seja eficaz e se amplie, é conveniente ter em conta, ou melhor, recordar o seguinte.

# Valor e necessidade da oração

Não nos cansamos de sublinhar a força e a necessidade da oração, sem a qual não podemos experimentar um conhecimento íntimo e verdadeiro de Deus (Evangelica Testificatio, n.º 43), nem temos força para percorrer o caminho da perfeição.

Segundo os ensinamentos do Concílio, é justo insistir na necessidade e na utilidade da oração comunitária. Mas, além dessa oração comunitária, deve-se cultivar também a oração privada, que conserva e tece o fervor espiritual e dispõe eficazmente o espírito para a oração comum, especialmente para a liturgia, podendo receber dela alimento e incremento.

Podemos afirmar que os religiosos, cuja vida espiritual é florescente e fecunda para os outros, são religiosos "orantes"; ao passo que aqueles que têm uma vida espiritual fraca abandonam tristemente o seu estado, são quase sempre preguiçosos para fazer a oração. Portanto, continua sempre a ser totalmente válido que "a fidelidade à oração ou o seu abandono são o aferidor da vitalidade ou da decadência da vida religiosa," Evangelica Testificatio, n.º 42.

### Vida comunitária

Cristo chamou-vos para o seguir de um modo mais perfeito e, por isso, para levardes a cruz. Esta, de fato, não pode ser separada do vosso estado de vida. Que esta cruz seja, portanto, não apenas um singular instrumento de purificação das almas e uma exímia forma de apostolado, mas também uma prova manifesta de amor, que não deprime, antes anima. "Não existe, acaso, uma relação misteriosa entre a renúncia e a alegria, entre a disciplina e a liberdade espritual?" Evangelica Testificatio, n.º 29.

Por fim, a vida comunitária é um dos elementos principais da renovação da vida religiosa. Convém reler e até meditar sempre e

frequentemente saborear de novo aqueles parágrafos realmente belíssimos do decreto conciliar Perfectae Caritatis, n.º 15, em que não são propostos meros preceitos legislativos sobre esta vida comum, mas é explicada, de um modo excelente, a sua função teológica, espiritual, eclesial, apostólica e humana. Tendes, portanto, diletos fi-Ihos, o dever, que aliás não é leve, de intentar criar nas vossas casas um ambiente "apto para favorecer o progresso espiritual de cada um de seus membros", Evangelica Testificatio, n.º 39. Esta fraternidade verdadeiramente evangélica é também uma firme defesa dos religiosos, sobretudo para o que perderam energias, passam por momentos difíceis, estão doentes ou são anciãos.

# A chave do futuro da vida religiosa

Hoje apresentam-se, sem dúvida, muitos problemas. Por isso, a vida religiosa deve também enfrentar não poucas dificuldades, como vós próprios advertis diariamente. Alguns perguntam-se, com angústia, que evolução sofrerá nos próximos anos, se seu destino será melhor ou pior. A este propósito, muitos de vós também sentem angústia devido à penúria ou escassez de vocações, ou à triste defecção de companheiros. A sorte futura depende da fidelidade com que cada instituto seguirá a própria vocação, quer dizer, de que viva expressamente a consagração que fez a Deus.

Na nossa época, uma das realidades que mais atrai os candidatos é o exemplo de uma vida cheia de gozo espiritual e do firme propósito de servir a Deus e ao próximo, dado que os jovens de hoje, quando se consagram a Deus, na maioria das vezes, pretendem dar tudo por tudo (Imitação de Cristo, III, 37, 13), e por isso, entram com mais gosto nos Institutos onde está em vigor e floresce esse "gênero de vida original e pobre, que para si escolheu Cristo Senhor nosso e que a Virgem sua mãe abraçou", Lumen Gentium, n.º 46.

Permiti que terminemos esta exortação paterna com algumas palavras de Santo Agostinho, que fomentou e louvou magnificamente a vida religiosa. "Exortamo-vos no Senhor, irmãos, a manterdes o vosso propósito e a perseverardes até o fim. Se a mãe Igreja vos pede a vossa colaboração, não aceiteis por orgulho nem a recuseis por dissídio, mas submetei-vos a Deus com humildade, aceitando com mansidão aquele que vos rege, que dirige os humildes com justiça e ensina os

pobres nos seus caminhos", Epístola 48, 2.

Pedindo a Deus que a vossa assembléia obtenha um grande êxito, damo-vos de coração, como prova do nosso afeto, a todos vós e aos vossos irmãos de hábito, a bênção apostólica.

# me de-tatroget eveb , odesamie NOVOS e eb conclete en ecociera a la completa de la completa del completa de la completa del completa de la completa del la completa de la completa del la completa de la completa del la

CIBERNÉTICA E PSICOLOGIA, Michael J. Apter. Tradução do original inglês The Computer Simulation of Behaviour, de Francisco M. Guimarães. Editora Vozes, ano 1973. Páginas 202.

É um lugar comum do jornalismo popular dizer que estamos entrando na época dos computadores, a idade do "cérebro eletrônico". Estamos tão acostumados a esta noção que levamos de certo modo um choque quando compreendemos como é recente esta criação e como era geralmente imprevisível antes de ter acontecido, especialmente desde que quase não há nenhum aspecto de nossa sociedade que não venha a ser profundamente influenciado por ela, se já não o foi.

Cibernética e Psicologia trata do uso dos computadores apenas em um terreno, o da psicologia. Além disso, trata somente de um dos usos dos computadores em psicologia. Não se refere ao processamento de dados nem ao controle das experiências por computadores, embora ambas estas técnicas sejam interessantes e valiosas em si mesmas. Este livro trata de uma técnica que recebe bastante seriamente o epíteto de "cérebro eletrônico" e que

a longo prazo poderá se revelar ainda mais importante para a psicologia e, mediante a psicologia, para a sociedade como um todo: a modelação dos processos psicológicos pelos computadores.

times ob antaluating ettlesgre to assi-

Este texto destina-se a ser uma introdução não técnica a um assunto rápido desenvolvimento, e em alguns aspectos altamente técnico, e aos problemas que abrange. Dentro deste objetivo global certo número de finalidades serão seguidas concomitantemente.

A primeira finalidade consiste em examinar até que ponto pode aceitar-se a hipótese mecanicista em psicologia, a hipótese segundo a qual o homem é uma máquina e seu comportamento deveria portanto ser estudado de acordo com esta compreensão. Uma maneira de fazer isso, a maneira adotada neste livro, é procurar ver se existe algum tipo de comportamento humano que não possa ser realizado por uma máquina como um computador digital. Se não há, poder-se-ia afirmar que, a menos que surjam novas indicações, seria mais econômico considerar teoricamente o homem como uma máquina.

A segunda finalidade deste livro seria avaliar a utilidade da simulação do computador, como técnica a ser usada pelos psicólogos no esforço de aumentar a compreensão do comportamento. Para este fim alguns modelos processados de aspectos particulares do comportamento, especialmente significativos ou de processos subjacentes ao comportamento são estudados com suficiente detalhe para permitir uma discussão crítica.

Os modelos descritos foram escolhidos ou porque se julgou serem clássicos ou porque foram considerados contribuições bastante típicas em seus
respectivos campos. A prepoderância
dos trabalhos americanos dominaram
este aspecto da tecnologia dos computadores quase tanto quanto dominaram
a tecnologia dos computadores em geral.

A terceira finalidade consiste em indicar brevemente, sem tentar um exame exaustivo — que de qualquer modo não é possível nos limites de um livro desta extensão — a gama de modelos processados de comportamentos que foram construídos até hoje. A este respeito, procura-se também mostrar como o campo da simulação por computadores se relaciona com outros campos de estudo.

Se o leitor desejar proceder a uma investigação mais extensa a respeito dos modelos de simulação por computadores, ou, como às vezes são chamados, dos "modelos de processamento
de informação", deve reportar-se em
primeiro lugar às indicações dadas como notas de rodapé em cada capítulo.
Estas indicações, em sua maior parte,
dizem respeito a artigos, e sempre que
um artigo foi publicado em mais de
um lugar fizemos empenho em dar a
referência mais geralmente acessível.

Em segundo lugar, no fim de cada capítulo encontra-se uma lista de livros que se referem ao assunto do capítulo (embora muitos deles tratem de uma área mais ampla do que a do próprio capítulo). Estas referências selecionadas são recomendadas para uma leitura posterior. Um número comparativamente pequeno de livros tratam mais ou menos de toda a área abrangida por este livro. Ainda que a maior parte destes sejam individualmente recomendados no final dos capítulos para os quais têm particular importância, são também arrolados numa seção bibliográfica especial no final do livro, juntamente com um artigo que procede a uma vista geral do assunto.

Este livro tem interesse para os estudantes de psicologia e de filosofia, para o leitor em geral e, quem sabe, talvez um dia também para os computadores.

ACELERAÇÃO E FREIOS AO DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO, Manuel
Correia de Andrade. Editora Vozes. Ano
1973. Páginas 188.

Este livro é uma coletânea de sete
ensaios escritos em épocas diferentes
a fim de atender a convites para participar de congressos e reuniões cien-

tíficas ou de colaborar em revistas universitárias ou de instituições culturais. Apesar disso, porém, ele apresenta certa unidade, de vez que todos os estudos analisam problemas ligados ao desequilíbrio entre os vários setores no nosso país, apontando os agentes estimuladores ou aceleradores, como prefere chamar François Perroux, e os agentes que bloqueiam o desenvolvimento.

Imbuído de estudos feitos em nosso país e no exterior a respeito do problema do desenvolvimento que empolga e preocupa aos estudiosos em ciências sociais - economistas, administradores, juristas, sociólogos, antropólogos, geógrafos, historiadores etc. - o autor sempre procura abalizar as suas análises e pesquisas em um conhecimento de detalhe da realidade brasileira, tentando encontrar, nas teorias que tentam explicar o fenômeno do desenvolvimento, aquilo que se aplica ao nosso país e aquilo que, elaborado em função de uma realidade diversa nossa, não pode a ela ser aplicada. O conhecimento em profundidade da realidade brasileira, cujo estudo deve ser estimulado nos meios culturais e universitários, é condição indispensável ao diagnóstico sincero e honesto dos problemas do nosso país e condição indispensável à realização da terapêutica.

Em ACELERAÇÃO E FREIOS AO DE-SENVOLVIMENTO BRASILEIRO, Manuel Correia de Andrade reune ensaios em que procura demonstrar como um dos grandes problemas que nos aflige no momento é o do desnível existente entre os setores econômicos, resultantes do fato de que a industrialização do país, procedida sobretudo nos últimos 25 anos, constituiu-se num agente acelerador do nosso desenvolvimento, enquanto outros setores econômicos, a agricultura sobretudo permanecendo até certo ponto estática, fiel aos processos tradicionais de cultura e de comercialização constitui-se num formidável bloqueio.

E como agente de freio tem a agricultura uma série de aliados, na ausência de quadros técnicos de alta especialização, de técnicos de nível médio e até de mão-de-obra especializada, assim como na deficiência de uma série de obras de infra-estrutura e de um sistema de ensino que não foi convenientemente dinamizado à proporção que o país caminhava para se transformar num país industrial, abandonando a condição de país agrícola, sobretudo exportador de matérias-primas. E este caminhar só não será interrompido se uma série de setores forem dinamizados para acompanhar o desenvolvimento industrial.

Embora materialmente o livro seja uma coletânea de artigos, substancialmente não o é, de vez que ganha unidade quando estes artigos se integram em um todo no qual o autor levanta o problema dos desníveis setoriais e regionais de desenvolvimento, provocando a formação de agentes aceleradores e de agentes de freagem do mesmo desenvolvimento. Em seguida o autor examina cinco casos específicos em que se pode observar como no Nordeste do Brasil atuam estes agentes e finaliza o livro com um exame da problemática do técnico em face da dinâmica do desenvolvimento.

O livro contribui positivamente para um melhor conhecimento do Brasil e consequentemente para a solução dos problemas que afligem nosso país e que dificultam sua decolagem. BIOLOGIA E CONHECIMENTO, Jean Piaget. Tradução do original francês Biologie et Connaissance de Francisco M. Guimarães. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 424.

Ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos.

Este livro tem por objeto discutir os problemas da inteligência e do conhecimento em geral, particularmente o conhecimento lógico-matemático, à luz da biologia contemporânea. Trata-se, pois, de uma coleção de interpretações e não de experiências. Este ensaio teórico é obra de um autor que tem 45 anos de prática da experiência em psicologia do desenvolvimento e que pretende manter-se o mais perto possível dos fatos. Por outro lado, deve-se lembrar que Jean Piaget teve uma formação de biologista, não tendo publicado durante uma dezena de anos senão trabalhos de zoologia. Continuou neste caminho em 1929 e em 1966 e um pouco também em botânica, conservandose tanto quanto possível informado sobre as principais correntes da biologia contemporânea.

O plano do livro é o seguinte:

Primeiro. Trata-se de definir precisamente a posição dos problemas. Para fazer isso, é preciso mostrar logo de início por que o estudo do desenvolvimento psicológico das funções cognoscitivas levanta continuamente questões biológicas congêneres às que se referem à embriogênese e, por conseguinte, também das que se referem às relações entre o organismo e o meio, principalmente no terreno das regulações.

Segundo. Definem-se com precisão os métodos que devem ser empregados

para comparar de maneira racional os mecanismos cognoscitivos com os processos orgânicos, evitando ao mesmo tempo um vitalismo que encontraria inteligência por toda parte e um reducionismo que suprimiria os problemas pela assimilação demasiado fácil das funções superiores de conhecimento a comportamentos elementares.

Terceiro. Procura-se separar a epistemologia dos próprios biologistas, de maneira a mostrar como os problemas propostos por estes últimos e as interpretações que oferecem são constantemente paralelos a questões e teorias explicativas que vamos encontrar, embora numa linguagem completamente diferente, nos domínios da psicologia da inteligência e da análise do conhecimento.

Quarto. Abordam-se os problemas centrais, procurando estabelecer correspondência entre as estruturas e as funções do próprio organismo com as das diversas formas de conhecimentos: conhecimentos do sujeito e não mais do biologista.

Quinto. Recordam-se os intermediários entre esta organização material do ser vivo e as formas superiores de organização cognoscitiva, examinando os diversos níveis do comportamento e procurando desentranhar as questões epistemológicas suscitadas pela análise deles.

Sexto. Por fim examina-se até que ponto estas questões são atualmente suscetíveis de receber uma solução biológica. As conclusões fornecerão uma síntese parcial do livro.

Neste livro BIOLOGIA E CONHECI-MENTO, Piaget vai buscar no organismo os fundamentos epistemológicos de todos os conhecimentos psicológicos, sociológicos e culturais. Não é mais possível estudar as ciências humanas sem sólida base biogenética. O orga-

nismo é a sede de todos os fenômenos humanos, desde os neurológicos até os logísticos.

TEORIAS E TÉCNICAS DE ADMINISTRAÇÃO, Vicente L. Perel. Tradução do espanhol de Riolando Azzi. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 304.

A grande utilidade e a grande significação deste livro é que ele põe nas mãos de nossos estudantes universitários e de nossos profissionais um material completo de iniciação à Administração dentro de um contexto bem diverso do contexto dos países desenvolvidos. O ensino da administração em forma sistemática e em nível universitário é bem recente entre nós. O que explica e até mesmo justifica a ampla utilização, em nossas escolas superiores, de textos norte-americanos e europeus. Entretanto, notadamente no Brasil e na Argentina, já se pode falar de uma experiência acumulada, já amadurecida, em termos técnicos e práticos, pronta para produzir algo e ser utilizado no contexto sul-americano. Existem realidades que surgem exclusivamente das circunstâncias históricas e sociais que somente nós, ou alguém que viva em contexto semelhante ao nosso, pode compreender e analisar. Haja vista a série de fracassos administrativos que sofremos, fruto de falta de apoio da realidade vigente e de os nossos técnicos terem uma formação universitária baseada unicamente em moldes de países desenvolvidos. Este livro, escrito por professores argentinos, com uma experiência semelhante à brasileira, no terreno da administração, e trabalhando no contexto de um país, como o nosso, em franco desenvolvimento, certamente será de máxima utilidade para os nossos estudantes e profissionais.

PSICOPEDAGOGIA DOS MEIOS AU-DIVISUAIS NO ENSINO DO PRIMEIRO GRAU, G. Mialaret. Tradução do original francês Psychopédagogie des Moyens audiovisuels dans l' Enseignement du premier degré, de Catarina Marie Nourry. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 252.

Desde 1953 a UNESCO empenhou-se em promover o estudo, o emprego e a

produção dos meios de ensino nos Estados-Membros. A continuidade deste esforço evidencia-se pela simples enumeração das reuniões internacionais dedicadas aos métodos audiovisuais na educação: Messina (1953), Nova Delhi (1958), México (1959), Tóquio (1960), Kuala-Lampur (1961), Moshi (1961). A reunião de peritos sobre os novos métodos e técnicas de educação (Paris,

março 1962) e o estágio dos estudos de Caen (maio 1962) situam-se na mesma perspectiva.

Todavia, o que mais fortemente se acentua aqui é a melhoria do processo de ensino nos seus métodos e meios ou, a elaboração de uma pedagogia mais científica na aplicação desses meios. Cada um desses estágios, seminários ou reuniões foi objeto de um relatório. O presente estudo sobre a psicopedagogia dos meios audiovisuais exigia um plano mais amplo, tanto pelo assunto de que trata como pelo espírito de pesquisa científica no qual foi elaborado.

Este livro se dirige em primeiro lugar aos professores de psicologia e de
psicologia das escolas normais e a outros professores em exercício. Cabe-lhe
pois um lugar nas bibliotecas das escolas normais, nos centros de documentação pedagógica e nos seus departamentos audiovisuais, assim como nas
bibliotecas dos estabelecimentos de ensino em geral.

A utilização eficaz dos meios audiovisuais, já definitivamente incorporados ao âmbito da educação, exige conhecimento preciso de suas características e possibilidades. Partindo do estudo dos fenômenos perceptivos, Gaston Mialaret nos conduz ao entendimento sistemático dos processos psíquicos afetados ou provocados pelo emprego dos meios audiovisuais. O estudo da relação entre os meios audiovisuais e os fenômenos psicológicos baseia-se em séria investigação experimental e seus resultados se apóiam invariavelmente em provas, testes, observações etc. Tudo dentro de rígida metodologia.

Obra de grande valor científico, cuja estrutura e riqueza revelam cuidadosa preparação por parte do autor e dos especialistas que com ele cooperaram. Constitui livro de consulta excelente e, talvez, mesmo obrigatória para quem produz material audiovisual ou espetáculos de audiência infantil, bem como para professores que se defrontam com as técnicas do ensino moderno.

COMUNIDADE DE VIDA E DE AMOR, Reflexões para casais, Frei Luís Gonzaga Costa, OFM, Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 128.

Primeiro volume da Coleção Matrimônio/Hoje. Frei Luís Gonzaga Costa vemse se dedicando, há mais de vinte anos, à pastoral familiar. Sobre ele convergem os problemas espirituais, psicológicos, humanos, de centenas de casais que sempre retornam com uma esperança ou um novo caminho a seguir. O livro é uma apologia do matrimônio cristão. Mostra, coerentemente, como deve ser valorizado na prática e não apenas em teoria ou belos termos. Cita e comenta passagens do Concílio e das encíclicas papais aliando-as à vivência cotidiana.

O casamento, por ser a instituição que mais pessoas engloba, é também a que maior variedade de problemas apresenta. O autor, neste ponto, é muito sensível. Conhece a elasticidade da problemática e evita fórmulas. Sugere não determina. A instituição matrimonial precisa receber uma nova configuração para que se mostre adequada ao exigente homem moderno.

CINEMA, ESTUDOS DE SEMIÓTICA, Violette Morin e outros. Tradução do original francês de Luís Baeta Neves, Editora Vozes, Ano 1973. Páginas 144.

Três textos que apesar de se relacionarem entre si pelo objeto comum de que tratam, O CINEMA, tentam focalizá-lo, cada um, sob um ângulo específico. VIOLETTE MORIN esboça uma análise do fenômeno James Bond no que toca as suas implicações na indústria cultural, suas possibilidades de comercialização, e procura ressaltar também o sentido e o significado intrínsecos dessa nova ideologia. A imagem-ficção do imprevisível James Bond é vista no contexto do aparato ideológico da vida moderna ocidental, inspirada pelo culto à tecnologia, à materialização erótica e à hipocrisia das implicações políticas. Na mesma análise são apontadas implicações sociológicas, relacionadas a uma problemática narrativa.

CLAUDE BREMOND tenta uma análise da ideologia subjacente à utilização das normas do rádio e da televisão francesas, demonstrando como se opera o processo de significação, para os censores, através do exame de diversas formas de narração e seus mecanismos internos.

CHRISTIAN METZ teoriza sobre as bases da constituição de uma semiologia do cinema, traçada a partir das diferenças do objeto na linguística e na semiologia, suas relações históricas, discutindo posteriormente a inclusão do cinema como possível de ser estudado pela semiologia, já que comporia um sistema de signos formando uma linguagem.

DOUTRINA CATÓLICA, Pe. Luís G. da Silveira D'Elboux, SJ. Editora Sociedade Brasileira de Educação. Ano 1973. Páginas 178.

O livro do Pe. D'Elboux quer ser um compêndio para adultos e pode-se crer que suprirá a ausência de um catecismo oficial da CNBB até que este apareça, propiciando em nosso meio e em nossos tempos distinguir rapidamente o que é certo de tantas interpretações particulares que não passam de opiniões de escolas teológicas. A obra conserva o estilo dos antigos catecismos, apresentando a doutrina em forma de perguntas e respostas com a novidade da inserção de textos bíblicos e do Magistério. É apresentado por Dom José D'Ângelo Neto, arcebispo de Pouso Alegre, em cuja circunscrição Pe. D'Elboux trabalha no momento.

DEDO DE DEUS, Reflexões de um jovem, J. P. Paul Schmitt. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 84.

Johannes Peter Paulo Schmitt, canascido no Leblon, rioca tinha uma personalidade difícil de ser entendida. Sempre à procura de um sentido para a vida, abandonou certa vez os estudos e até mesmo a casa paterna e, durante quase um ano, não deu notícias, permanecendo em lugar ignorado. Viajou em seguida por várias regiões do Brasil e pelos Estados Unicios. Trabalhou nos serviços mais humildes, sempre incógnito, mas sua preferência parece ter sido qualquer atividade em que pudesse servir, sobretudo às crianças.

Com apenas 26 anos incompletos, morreu num acidente de alpinismo, em Teresópolis. Depois de sua morte foram encontradas as reflexões contidas neste livro. Só então foi possível compreender a profundidade de sua vida a intensidade, o equilíbrio e a sinceridade de sua procura ansiosa por um sentido maior. Um livro que vai entusiasmar os jovens.

A IGREJA DO FUTURO, por um grupo de autores. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 164. Tradução do original francês L'Eglise vers L'Avenir de Pedro Paulo de Sena Madureira e Júlio Castañon Guimarães.

Eis os temas deste livro e seus autores:

Eyt. Igreja e Contestações, Pe. Jacquemont. É preciso negar o passado da Igreja? Pe. Gerest. O ato de nascimento da Igreja, M. Cornillon. Da Igreja a Jesus, A. George. O que muda e o que permanece, M. D. Chenu. A eucaristia, J. P. Jossua. O que é a salvação?, Ch. Duquoc. O que é evangelizar?, E. Marcus. A Igreja diante de seu pecado, Pe. A. Liégé. Prospectiva do mundo e perspectiva cristã, Pe. Ricoeur. Futuro da Igreja: Novas comunidades, Ch. Perrucon.

A Igreja continua em crise, tempestade, convulsões. Não é hora de lamentos. É hora de olhar resolutamente para o futuro. Ocorrem mutuações e elas
são necessárias. Este livro permitirá a
cada um — clérigo ou leigo — fazer
uma reciclagem, renovar sua mentalidade e idéias, entrar com disposição
no futuro da Igreja. As mutuações da
sociedade e suas repercussões, a contestação ao senso do sacral, os fundamentos históricos da Igreja, a verdade
e as exigências da eucaristia, o sentido da salvação cristã, as modernas
condições da evangelização, a respon-

sabilidade do cristão no desenvolvimento da comunidade mundial. E resta uma pergunta essencial: quis Jesus fundar uma Igreja?

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS

RITO DA CONFIRMAÇÃO, Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 40. Edição típica em tradução portuguesa para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O DEUS QUE VEM, Carlos Carreto. Tradução do original italiano II Dio che Viene de Luís João Gaio. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 272. TENHO ALGO A LHE DIZER, Pe. Carlos Afonso Schmitt. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 80. Um livro apropriado para aqueles a quem o amor é o mais importante. JOGRAIS DO COTIDIANO, Roque Schneider. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 809. "Estamos todos a caminho / Uns vão, outros vêm / E nesta eterna jornada / de rosas, perfumes, espinhos, / consola encontrar / ao longo da estrada / a luz de um olhar / e a presença de alguém. Procurei nas estrelas um Deus / encontrei a meu lado um amigo. / E assim eu prossigo / na fé, na esperança, / levando alegria / em meu coração. / Cantando e sorrindo / a você meu irmão / fazendo da vida / uma linda canção." SE NÃO FOSSEIS DEUS, M. Marie Yvonne. Tradução do original francês Si Vous N'Étiez Pas Dieu, de Maria Cecília Duprat. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 208. VOCAÇÃO ACERTADA, FUTURO FELIZ, Roque Schneider. Edições Paulinas. Ano 1973. Páginas 80. Descobrir a vocação é metade da conquista. A outra metade é realizá-la.

# O MELHOR OVE SE PODE FAZER PELO BRASIL E CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE